Henrique Vieira Filho
101
Crônicas de Serra Negra
Sociedade Das Artes

Henrique Vieira Filho

“101” Crônicas De Serra Negra

Henrique Vieira Filho

1ª edição - Volume I - 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

V658c Vieira Filho, Henrique

101 Crônicas De Serra Negra / Volume I / Henrique Vieira Filho: Sociedade Das Artes, 2024,120 p;

ISBN: 978-65-00-99029-4

1.Crônica 2.Literatura 3.Jornalismo
4.História 5.Efemérides

I. Título. II. Autor.

CDD: B869.8
CDU: 83.81

Realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo

Sinopse

Em sua coluna semanal no **Jornal O Serrano**, **Henrique Vieira Filho** aborda os mais variados temas, em especial, curiosidades históricas, eventos culturais e até divertidos “causos”.

Sua formação em sociologia e psicanálise, bem como sua atuação como artista visual e jornalista nos traz uma perspectiva única e vasta, a tal ponto que o autor ironiza ser um “especialista em assuntos aleatórios”.

Este **Volume I** do livro nos traz as mais destacadas crônicas, selecionadas dentre os cento e um de seus primeiros artigos impressos.

Todas de breve leitura, que certamente nos fazem sorrir, refletir e continuar a ler até completar o livro, já desejando o lançamento das próximas cem novas matérias.

Índice

Introdução

Tem sido uma honra colaborar com o **Jornal O Serrano**, uma das raras mídias a conseguir manter a tradição das edições impressas.

Nada contra as versões digitais. pelo contrário: aqui, em cada capítulo, há um **QR Code** de acesso à contrapartida online, que acrescenta ilustrações coloridas, vídeos e leitura por áudio, em respeito às premissas de acessibilidade que norteiam os editais da Lei Paulo Gustavo, que propiciou esta edição, como contrapartida do **Projeto "Circuito Literário de Serra Negra"**.

Na versão **e-book**, os **QR Codes** são "clicáveis" com o "mouse", abrindo a página complementar nos meus "sites".

Ainda que o título "marketeie" cento e uma crônicas, se todas fossem incluídas de uma só vez, inviabilizaria a impressão.

A solução adotada foi subdividir em volumes, cada qual brindando o leitor com uma coletânea selecionada, preferencialmente, pela ordem cronológica do jornal.

Como autor mais acostumado a escrever livros de caráter técnico sobre Terapia e Arte, tem sido prazerosa e desafiadora a oportunidade de exercitar textos com nuances bem humoradas e recheados de curiosidades.

Sendo fã de efemérides, mitologia e etimologia, procuro, sempre que possível, incluir fatos históricos e lendários relacionados ao tema da semana.

Também fiz questão de abordar os eventos artísticos de nossa região, destacando sua importância social e econômica, especialmente em relação ao turismo, setor este tão relevante ao Circuito das Águas Paulista.

Enfim, eis aqui, uma sequência de crônicas com atualidades, "causos" reais, ficção e curiosos assuntos aleatórios!

Desejo a todos uma divertida e agradável leitura!

Henrique Vieira Filho[1]

[1] Artista plástico, perito em autenticidade de arte, sociólogo, psicanalista, escritor, jornalista e educador físico - www.henriquevieirafilho.com.br

Perfeitamente Imperfeito: Crônicas Serranas

Era o início dos anos 90 e estava eu palestrando em um grande congresso internacional, sediado em Águas de Lindóia, sobre um tema que, à época, só os profissionais conheciam: Terapia Floral de Bach. Mostrava as incríveis "coincidências" (sincronicidades) entre as lendas seculares, os nomes populares das plantas e suas utilidades para a saúde.

O público interrompia (mal educados, hein!) querendo saber em que livro eles poderiam ler sobre essa abordagem incomum e eis que retruquei que "é pesquisa minha, não tem na literatura", sendo "cortado" (de novo!) sob o coro: "Queremos livro, queremos livro!".

Este foi o impulso que faltava para eu superar a desculpa de que "ainda não está perfeito" e lançar, via Editora Pensamento / Cultrix, este que foi o primeiro de uma sequência de vinte livros sobre terapia e arte.

Assim também foi com as minhas pinturas, gravuras e fotografias: se continuasse adiando até alcançar o nível de um Salvador Dalí, teria ficado sem viajar pelo mundo, realizar cerca de 80 exposições e conhecer tantas pessoas interessantes.

Nosso pintor maior, Cid Serra Negra, é um excelente exemplo de que é possível "conquistar o mundo" (mesmo sem dinheiro…), com talento e dedicação.

Nunca deixe o medo de falhar lhe impedir de tentar! Na verdade, um erro pode até agregar valor maior, como ocorre no seleto mundo dos colecionadores: um problema de fabricação torna o objeto ainda mais raro e, portanto, mais valioso! Este é o caso de moedas comuns, mas que apresentam imagens invertidas ou sinais transpassando o lado, ou trechos irregulares e que, justamente por isso, atingem cifras milhares de vezes maiores do que seu preço original!

E daí vem a explicação do título deste artigo: se eu fosse esperar atingir a “perfeição”, jamais teria tido o prazer e a honra de atingir a marca de cem crônicas publicadas aqui, neste jornal!

O que realmente sei é que devo agradecer ao Jornal O Serrano, que também não esperou eu atingir o patamar de um Veríssimo, de um Millôr Fernandes, para me convidar a participar da equipe de colunistas!

As mídias impressas (cada vez mais raras) já são consideradas patrimônios culturais da humanidade e sou muito grato por participar dos 116 anos de história deste jornal.

Meu muito obrigado a você, que nos lê, por apoiar e relevar até alguma eventual imperfeição da minha parte. Afinal, como já alertava o filósofo Voltaire: "Toda perfeição é um defeito".

Simbolismo Da Paixão

Por influência da literatura francesa do século 13, que popularizou o termo “passion d'amour" ("sofrimento amoroso”), até hoje, o termo “paixão” é interpretado como sendo um amor exacerbado, visto até como algo belo. Contudo, em sua origem latina significa “padecimento atroz”, sendo “parente” de palavras como “passivo”, “paciente”, ainda mais se associarmos com o grego “pathos” (doença).

No sentido de “sofrimento passivo frente à ação prejudicial” é que a palavra se aplica à “Paixão de Cristo”, em sua jornada até a crucificação (“via crucis”) em Gólgota ("montanha arredondada", em hebraico), colina esta que parecia uma “cabeça careca”, que, no latim, seria “calvo”, derivando daí o chamar todo martírio como sendo um “calvário”.

Independente dos aspectos histórico e religioso, é inegável o caráter universal da narrativa, repleta de simbolismos compartilhados por inúmeras outras culturas.

Um “marketeiro” de nosso tempo poderia estranhar a adoção da cruz, instrumento romano para tortura, como marca registrada de uma ideologia de paz. Na verdade, seu formato simboliza, para a maioria dos povos antigos, a comunicação entre o tempo e o espaço, as estações do ano, os quatro elementos. Apontando para os quatro pontos cardeais, a cruz é a base de todos os símbolos de orientação, nos diversos níveis de existência do homem, sendo o cruzamento das linhas horizontal e vertical, o centro de tudo.

O próprio Cristo é a síntese dos símbolos primordiais do universo: o céu e a terra, devido às suas duas naturezas: divina e humana; o ar e o fogo, por sua morte e ressurreição; a verticalidade, a “escada da salvação”, por sua ascensão aos céus.

“*O símbolo de Cristo é da maior importância para a psicanálise, porquanto constitui, ao lado da figura de Buda, o mito ainda vivo de nossa civilização. É o herói de nossa cultura, o qual, sem detrimento de sua existência histórica, encarna o mito do homem primordial. Seu reino é a pérola preciosa, o tesouro escondido no campo, o pequeno grão de mostarda que se transforma na grande árvore*”.
Carl Gustav Jung

Starbucks Tem Melusina E Serra Negra, A Yara!

Em comemoração ao aniversário de Serra Negra, pintei algumas telas homenageando a cidade, que fizeram parte da Exposição “Entre Molduras”, no Mercado Cultural

Cada obra tem sua história curiosa e vou lhes contar uma delas, em que uni duas paixões: surrealismo e café!

O que sinto mais falta quando estou fora do Brasil é beber um bom café!

Com muito esforço, até é possível encontrar, mas, ao preço de um rim e servido com conta-gotas (e esse é o “double”, pois o simples, mal suja o fundo da xícara…).

E, no meu caso, o café tem que ser aos baldes e moído na hora!

Espresso, com 9 bar de pressão e 90ºC na saída da água!

O grão, do tipo arábico, da região Mogiana!

Sabe onde temos tudo isso? Aqui, em nossa Serra Negra!

Se for para invejarmos algo das cafeterias do exterior, seria o marketing: o mundo todo conhece Starbucks e sua “sereia de duas caudas”.

Segundo consta, o nome deriva de um dos marinheiros do romance "Moby Dick” e a imagem do logotipo foi extraída de um antigo entalhe esacandinavo, contendo aquilo que os fundadores da empresa imaginavam ser uma sereia…

Ou seja, tudo remetendo ao mar, que é por onde o café chegava em Seattle.

A propaganda era “o aroma do café encanta as pessoas como o canto de uma sereia”...

Sucesso mundial, fato é que o símbolo foi sendo sutilizado e estilizado com o passar do tempo, já tendo sido considerado até erótico demais:

Ao que tudo indica, o entalhe de madeira (supõe-se que seja do século XV) retratava um ente mítico europeu, a Melusina.

Ela não é, exatamente, uma sereia, mas, sim, uma fada ou uma nixia (espírito aquático do folclore escandinavo).

Há inúmeras versões de sua lenda, sendo as características mais comuns, que suas pernas como duas caudas ou serpentes surjam apenas um dia da semana, ao qual faz seu marido (em certas variações, um rei...) jurar que jamais iria vê-la nessas ocasiões. A quebra da promessa resulta ora em vingança, ora em imensa tristeza e fuga.

Muitos brasões escandinavos e do Sacro Império Romano-Germânico ostentam Melusina com a coroa e poses guerreiras.

Mas, nada de ciúmes, pois aqui, no Circuito das Águas, temos também a nossa guerreira aquática tupiniquim, a Yara, que comanda as nossas fontes!

Por isso, eu a convidei para ser a musa do café mogiano em minha pintura!

E nada de celebridades “da moda” como George Clooney, não!

Convenci o imortal Salvador a sair dali e vir aqui, ser nosso garoto propaganda!

E eis na foto que ilustra este artigo, o resultado final, em que vemos Yara e Salvador Dalí (que está aqui...), degustando um clássico cafezinho brasileiro, em plena Serra Negra!

E Coelho Bota Ovo?

Sim, bota ovo SE ele for vítima das brincadeiras da deusa Ostara!

Para divertir crianças, transformou uma ave em coelho e este presenteou com ovos coloridos.

Também conhecida como Eostre, é a milenar deusa primaveril anglo-saxã, origem das tradições de coelhos e ovos, símbolos da fertilidade.

Por isso, até hoje, a Páscoa e os ovos são chamados, respectivamente, de "Ostern" e "ostereier" (em alemão) e "Easter" e "easter eggs" (em inglês).

No hemisfério norte, a Páscoa ocorre no início da primavera, o que simplificou a migração desta tradição "pagã" para a cristã, por meio do Concílio de Nicéia, em 325 dC, que unificou a celebração da ressurreição de Cristo.

Comemorada no primeiro domingo após a lua cheia do final do equinócio (quando o dia e a noite têm a mesma duração) de primavera, era a data de Ostara e "coincide" com a "Pessach" (do hebraico; significa "passagem"), tradição milenar que celebra a libertação dos hebreus.

Com o tempo, a ornamentação dos ovos passou a incluir imagens de Jesus e Maria.

Membros da realeza europeia providenciaram versões em ouro incrustado com pedras preciosas.

Surgiram variações em madeira, porcelana, vidro e metal, com surpresas em seu interior, peças estas que serviram de inspiração para os famosos ovos Fabergé.

Para o povo, opções singelas, nas quais os ovos recebiam recheios doces, inclusive, o chocolate, o qual, graças à evolução da culinária francesa, chegou ao século 19 substituindo integralmente até a casca.

Em mais uma miscigenação cultural, devemos isto aos maias e astecas, com seu "alimento dos deuses": o Theobroma cacao (Theo = deus; broma = alimento; cacao = cacahualt - nome regional do fruto).

O cacau era sua moeda para trocas, sendo daí a origem de uma moderna gíria brasileira.

Quando Cristóvão Colombo chegou à região do atual México, os nativos vendiam coelhos por 10 sementes de cacau. Se ele fosse comprar, nos dias de hoje, 01 kg de ovo de Páscoa, teria que desembolsar umas 50 sementes!

Com o preço atual, nem Colombo consegue colocar o ovo em pé!

Serra Negra E A Cosmologia Kayapó

“*Quando a lenda é mais interessante que a realidade, imprima-se a lenda!*”, já dizia o jornalista, no filme: "O Homem Que Matou O Facínora", nos anos 60.

Aqui no Brasil, nos anos 40, tivemos "O importante não é o fato, mas a versão", atribuído ao mineiro Benedito Valadares, que teria plagiado outro político, José Maria Alkmin.

Outrossim, o pioneiro no tema, parece ter sido o romancista francês Georges Duhamel, que escreveu, em 1918: "Como toda pessoa séria, não acredito na verdade histórica, mas na verdade da lenda".

Minha sucinta pesquisa quanto a ser Serra Negra chamada de "hérã-n-yeré" (“algumas voltas”, pelo tanto que teriam que rodear as nossas montanhas...) por seus habitantes originais, os Kayapós, não encontrou respaldo, nem quanto à ocupação da tribo, nem quanto ao termo linguístico.

Em rápida conversa com Nestor Souza Leme, que sabe tudo sobre a cidade, me confirmou que não eram nativos da região, sendo esta história mais um “causo”, do que um fato.

Contudo, surrealista que sou, adoto e imprimo… a lenda!

Mais do que isso, eu amplio o “causo”: foi em Serra Negra/SP que os primeiros Mebêngokrês vieram dos céus e se estabeleceram na terra!

Chamados pelos demais indígenas de Kayapós (“caras de macaco”, devido a alguns de

seus trajes ritualísticos… ou será que já era bullying?...), suas aldeias eram no céu, até que, ao perseguirem um tatu em sua toca, descobriram que havia um buraco para o nosso mundo.

Prepararam uma longa corda e por ela migraram, até que, discordando destes rumos, um dos seus a cortou, dividindo o povo entre céu e terra.

Por isso, chamam a si mesmos de Mebêngokrês ("os homens do buraco / lugar d'água").

Mesmo depois da corda ter sido cortada, ainda teve ao menos uma migrante de grande destaque: a índia Nhokpôktí, que desceu junto com as chuvas (de quem era filha…) e, depois de um certo tempo, cansada de comer as mesmas coisas aqui na terra, fez com que seu marido a catapultasse de volta aos céus, de onde retornou com inúmeras frutas e legumes, ensinando a todas as índias a cultivar.

E tudo isso aconteceu bem aqui, em Serra Negra! E eu tenho a prova: esta fotografia que tirei, de Nhokpôktí, em uma de suas idas e vindas entre céu e terra, aqui com as montanhas serranas ao fundo!

Obs: acesse a imagem pelo link do QRCode

Do Vapor Viemos E Ao Café Voltaremos

Com prazer e orgulho, tenho fortes raízes familiares na região do Circuito Das Águas, tanto pelo lado paterno, quanto materno.

Por parte de pai, muitos dos Vieiras, Fiorittis, Corbos ainda aqui vivem e, dentre os que já se foram, os mais conhecidos receberam homenagens em placas, como meu avô revolucionário, Durvalino Vieira e meu tio expedicionário, Ary Vieira.

Contudo, nesta crônica, foco na linhagem materna, que é menos conhecida pelos serranos.

No século 19, vindos da Itália, Francisco Rimonato e ngela Augusta Gio Batta (meus bisavôs), desembarcaram em Santos, viajando em um dos muitos navios a vapor que foram pontes da imigração européia a abastecer as lavouras de café.

Em mais vapor, o das "Marias Fumaças", seguiram até a cidade de Amparo/SP, onde se casaram e tem Emma Rimonato (minha avó), a primeira de 10 filhos.

A pintura, que ilustra este artigo, esteve na Exposição "Entre Molduras", no Mercado Cultural, onde retratei a mim, a minha esposa Fabiana e a filha Luiza, nos papéis dos antepassados citados.

Ao fundo da tela, pintei a antiga Estação Alferes Rodrigues, ramal de Serra Negra, fundada em 1889, ano em que nasceu, minha avó materna.

A imagem baseou-se em uma fotografia de 2015, de autoria de Marcelo Tomaz, idealizador do Projeto Estações Brasileiras. A construção existe até hoje, em uma fazenda na divisa entre Serra Negra e Amparo.

Já o trem “Maria Fumaça”, pintei no padrão steampunk e surrealista, em simbiose com o Monumento às Bandeiras, de Victor Brecheret, simbolizando o êxodo da família, saindo do Circuito Das Águas, para São Paulo - Capital, no Século 20, em busca de oportunidades econômicas e o retorno, já no Século 21, para Serra Negra/SP, em busca de melhor qualidade de vida.

Ora plantando café, ora guerreando, três séculos, quatro gerações, entre idas e vindas, Europa - Brasil, Capital - Interior, do vapor dos navios, passando pela fumaça dos trens expressos, finalmente, a família pode degustar, em paz, o sabor e o vapor aromático do meu espresso mogiano!

A Arteterapia No Serviço Público

Todos conhecem a sofrida história pessoal de Vincent Van Gogh; o que poucos sabem é se sua contribuição, indireta, para a Arteterapia.

Nos locais que lhe foram fonte de inspiração (e até de internação…), hoje florescem aulas de pintura e atendimentos terapêuticos por meio da ARTE.

Tive o privilégio de espairecer nos mesmos campos e paisagens por onde Van Gogh trilhava e foi uma ótima oportunidade de reflexão sobre a importância da Arte como ferramenta de acesso ao inconsciente.

Por isso, parabenizo a Prefeitura de Serra Negra por incluir a Arteterapia em seu recente chamamento oficial para as próximas Oficinas Culturais de 2021.

Muito além de uma proposta sazonal, trata-se de uma atividade que merece continuidade, pois extrapola o campo da Cultura, sendo melhor enquadrada como uma técnica da Saúde.

Nos anos 90, tive a honra de implantar e coordenar, no serviço público de saúde de nove cidades (Novo Horizonte / SP, Espírito Santo do Turvo / SP, Onda Verde / SP, Rio Claro / SP, Paracatu / MG, Nova Era / MG, Matozinhos / MG, Água Comprida / MG e Galvão / SC), uma série de técnicas que, nos dias atuais, o Ministério da Saúde busca ofertar, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

Foram obtidos ótimos resultados, com tamanha aceitação da população, que nossos trabalhos foram objetos de reportagens elogiosas

nos mais diversos veículos de comunicação, desde os mais singelos regionais, até os de maior repercussão, como Jornal Nacional e Movimento GNT.

Formávamos caravanas de profissionais voluntários que atendiam gratuitamente (inclusive, bancando os materiais utilizados) nos postos de saúde e escolas, centenas de pessoas a cada final de semana, com inúmeras técnicas:

Acupuntura, Terapia Floral, Tai Chi Chuan, Bioenergética, Shiatsu, Fitoterapia, dentre muitas outras técnicas, incluindo a ***Arteterapia****, que é o tema deste artigo*.

Esta técnica é equivocadamente confundida com atividades de educação artística, porém, o objetivo é bem outro, pois não se trata de obter aprendizados técnicos, nem de produzir obras de arte.

Outro impressão errônea é supor que praticar atividades artísticas em si, já constitui toda a terapia, como se fosse um "relaxamento", com a singela proposta de "desestressar".

Claro, esta é uma das facetas, que por si só, já justificaria ser disponibilizada a Arteterapia para todos.

Contudo é muito mais complexo do que isso: o Arteterapeuta deve criar um ambiente seguro em que os participantes, por meio de atividades lúdicas, despertem sua criatividade, propiciando autoconhecimento e a mudanças em várias áreas, tais como:

Comportamento, elaboração da realidade e/ou preocupações com a mesma, incremento na capacidade de ser bem-sucedido nas situações da vida (aumento máximo das oportunidades e minimização das condições adversas), além de conhecimento e habilidade para tomada de decisão.

Ou seja, é uma forma de Psicoterapia onde, ao invés de deitar no divã e falar, os participantes expressam suas vidas, de forma espontânea e criativa, por meio de:

Pintura, desenho, modelagem, dança, canto, fotografia (dentre outras possibilidades) e, com o auxílio do profissional que coordena, passam a conhecer melhor a si mesmos, seus sentimentos e potencialidades.

Ainda que, logo nas primeiras sessões, seja perceptível o ganho de bem-estar, o ideal é que os encontros semanais sejam mantidos por meses seguidos, para maximizar os resultados.

Um dos estímulos a que as prefeituras mantenham este trabalho continuado é o baixo custo, pois basta espaço físico e materiais de arte simples, até mesmo, originários de reciclagem.

Há ainda, uma ferramenta pouco explorada pelos próprios Arteterapeutas, a qual, nos dias atuais, é relativamente acessível à maior parte da população: a fotografia digital (via câmeras de celulares, inclusive...).

Em um de meus mais recentes livros, “Fotopsicoterapia - A Fotografia Como Instrumento Terapêutico”, pioneiro sobre a técnica no Brasil, ensino aos demais profissionais as amplas possibilidades da imagem fotográfica na prática psicoterápica.

Henrique Vieira Filho

A população serrana só tem a ganhar com as oficinas de Arteterapia e me coloco à disposição para ajudar, atender e até formar novos profissionais e reforçar nossa vocação como sendo "A Cidade Da Saúde"!

Os 100 Anos Do Serrano Ary Vieira

Daqui a poucos dias, um ilustre serrano faria 100 anos: Ary Vieira.

Na verdade, faltou pouco: faleceu em 2017, uma semana antes de receber mais uma justa homenagem, com direito à Banda Lira (ele adorava…), por ter sido um dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira.

Foi filho de Durvalino Vieira de Moraes, agora também eternizado em Serra Negra, com a recente inauguração da placa que inclui seu nome, em honra à Revolução Constitucionalista de 1932.

Meu tio Ary merece ser lembrado mais do que pela espada, e sim, pela caneta: era um desenhista de mão cheia, com belas obras feitas com precisão de bico de pena, em nanquim.

Gosto de pensar que foi dele que herdei o amor pelas artes plásticas, por isso, mesclei os traços dele com os meus, nesta pintura que foi baseada em uma antiga foto em que estão em sua mesa no Serra Negra Esporte Clube, que sempre frequentaram, por estar a poucos passos de onde ele morava com a minha prima Vera e minha tia Arthema.

Inúmeras medalhas e honrarias ele ganhou como guerreiro… Penso que ele deveria ter recebido outras mais, só que por outro motivo: ser uma pessoa feliz e em paz, APESAR da guerra!

As lembranças que tenho são dele sentado no banco da Praça João Zelante, de braços cruzados, vendo a banda passar (literalmente...), ao lado de sua esposa e filha, tricotando lãs e prosas.

As memórias que guardo mostram um homem que se divertia no carnaval serrano, criava suas próprias fantasias, vestindo camisetas com os dizeres da marcha “A Maré Tá Cheia”, que compôs com seus amigos (um plágio! tsc, tsc…).

Quando criança, eu o observava criando tracejados e sombreados, com lápis e tinta, até os desenhos formarem paisagens e animais, com uma paciência que parecia infinita, tamanha era a lentidão que o processo criativo exigia.

O desenhista Ary era o contraponto perfeito a compensar o seu lado soldado!

Vai ver, meu tio foi o precursor do “Slow Movement” (Movimento Sem Pressa), tão em moda atualmente, onde o que se busca é aproveitar melhor a vida, sem a ansiedade dos grandes centros urbanos, que tem conduzido à migração de volta ao campo, para melhorar a qualidade de vida. O que, por sinal, foi o que fiz já faz 03 anos, mudando de volta para as minhas raízes serranas!

A humanidade, desde sempre, cultua o heroísmo, erguendo estátuas e monumentos aos grandes guerreiros e isso é natural.

Igual honraria deve ser reservado à chamada “vida cotidiana”, onde cada um de nós vence as suas batalhas diárias e desfruta do que realmente importa: amor, amizade, saúde, trabalho e… diversão!

Uma das coisas que, secretamente, fazia o Ary rir, é que TODAS as medalhas, placas, diplomas em sua honra estão com seu nome… ERRADO!

Ele nunca foi Ary CAREI Vieira! Este sobrenome ele “emprestou” do ator americano Harry Carey Jr!

Nascido no mesmo ano que meu tio, em 1921, ganhou fama mundial com seus mais de 90 filmes de “faroeste” e o Ary brincava com a semelhança sonora entre seus nomes.

E é assim que escolho lembrar dele, neste seu centenário: um homem que prefere não perder a piada, por nada deste mundo!

Cultura: Alimentando A Alma.. E O Turismo, Também!

A Arte está tão inserida no cotidiano, que nem sempre nos damos conta de que dela estamos usufruindo.

No isolamento que a pandemia impôs, quanto alívio emocional foi proporcionado com a leitura de livros, ao assistir filmes, seriados, novelas, ouvir músicas…

Até mesmo as pessoas que perderam seu sustento podem ser beneficiadas com as Artes, considerando que este setor já criou cerca de 01 milhão e 500 mil postos de trabalho, no ano em que a pesquisa mais recente foi realizada. (Fontes: IBGE, diretoria de pesquisas, Cadastro Central de Empresas - 2003).

Nem todos percebemos que, para um artista trazer a público o seu trabalho, abre-se vagas para um grande contingente de outras profissões: recepcionistas, equipe de transportes, equipe de montadores, eletricistas, pessoal da limpeza, setor de hospedagem e alimentação, carregadores, organizadores de eventos, fotógrafos, cinegrafistas, equipe de informática, publicitários, equipe gráfica, contadores, seguranças e mais uma infinidade de eventuais vagas de trabalho.

Devemos somar, ainda, que público que vem ao evento cultural também irá se hospedar, se alimentar, passear pelos arredores, comprar alguma lembrança, enfim, consumir tudo que puder, como é de praxe quando o objetivo é o turismo e o lazer! Até o mais singelo ambulante pode salvar seu dia, com o consumo extra de “comes e bebes” na entrada e saída das apresentações!

Mesmo o tão subestimado (por nós, brasileiros...) setor de artes visuais (museus, exposições de pinturas, esculturas e fotografias), somado ao de jornais e revistas, movimentam cerca de 700 bilhões de dólares, por ano, em todo o mundo, gerando incontáveis empregos.

Como exemplo recente de renda gerada pela Cultura, podemos citar o 38º Festival de Dança de Joinville: 270 mil espectadores, cerca de 9400 inscritos e mais de 3000 vagas em cursos de arte. Por sinal, a Cia Allegro representou Serra Negra, com a coreografia "Desencontros"!

O ganho cultural foi imensurável, além do financeiro: nem é preciso ser economista para concluir o bem que fez aos hotéis, restaurantes e comércio da cidade e todos os novos postos de trabalho que foram criados, graças a toda esta movimentação criada pelas Artes!

Segundo o próprio governo federal, a cada R$ 1,00 disponibilizado por meio das leis de incentivo à Cultura, R$ 1,59 são gerados para a economia do país (Fonte: MinC - Ministério da Cultura e FGV - Fundação Getúlio Vargas - 2019). Ou seja, ao investir em artes, o governo consegue um retorno de 59% para a população!

Quando o povo critica o envio de verbas públicas a eventos culturais, certamente focam nos poucos artistas que estão muito bem de vida e que já contam com o patrocínio de grandes empresas privadas.

A realidade da imensa maioria dos artistas brasileiros é bem distante disso. Não raro, nem cachê recebem, trabalhando mais pelo amor ao ofício!

E assim foi, por exemplo, aqui mesmo, em Serra Negra, no ano passado, justamente no Dia da Cultura (05 de novembro), em uma bela parceria em que a Prefeitura disponibilizou o palco do Centro de Convenções para o Projeto Re Arte - Circuito Das Águas, em que tivemos exposição de artes plásticas (Henrique Vieira Filho e Elisabeth Canavarro), dança (Cia de Dança Allegro, da Profa. Dayana Rezende), poesia (Camila Formigoni), artes cênicas (Breno Floriz) e vivência de qualidade de vida (Fabiana Vieira).

Tudo isso bem na época das restrições de saúde mais rigorosas, sem poder receber o público, sem verba, estes artistas se apresentaram, ao vivo e em reprises gravadas, trazendo um pouco de alegria em um período tão difícil para todos...

"*Temos a arte para não morrer ou enlouquecer perante a verdade. Somente a arte pode transfigurar a desordem do mundo em beleza e fazer aceitável tudo aquilo que há de problemático e terrível na vida*".

Friedrich Nietzsche

A Volta Dos Festivais De Dança

No imaginário popular, em especial, o balé, é algo que só ocorre em grandes centros urbanos e de forma elitizada.

Contudo, ao passear por Serra Negra, podemos constatar várias escolas e academias voltadas a esta arte.

Eu mesmo já me deparei, em diversas ocasiões, com grupos de dança se apresentando pelas ruas da cidade e até em supermercados!

E lembro, ainda, dos Festivais de Dança, que ocorreram de 1992 a 2005 e, simplesmente, desapareceram!

Para entender um pouco mais da história da dança em nossa região e o que podemos fazer para melhorar ainda mais, entrevistei três grandes dançarinas de nossa cidade (em ordem alfabética): Ale Brandini, atualmente no "The Masked Singer BR", exibido pela Rede Globo, Daiani Fiorire, do Estúdio Fiorire e Dayana Rezende, da Cia de Dança Allegro, da Escola Talento.

Compartilho com os leitores a agradável conversa, a qual encerrarei com uma "provocação" cultural!

Henrique: Nossa região é exceção ou a dança está bem mais disseminada pelo Brasil, do que podemos supor?

Ale Brandini: A dança hoje em dia não está mais tão elitizada como antigamente, onde as crianças eram inseridas na dança somente através do ballet clássico!

Hoje, elas também podem ser inseridas em outros diferentes contextos e estilos, como as danças urbanas por exemplo, o que está sendo ótimo para essa propagação em pequenas e grandes cidades do Brasil.

Daiani Fiorire: A nossa região não é uma exceção, a dança está bem mais disseminada pelo Brasil, certamente.

Acredito que Serra Negra poderia dar mais visibilidade, para mais artistas. Sempre são os mesmos artistas, fazendo as mesmas coisas pela cidade durante anos. Ultimamente, esse cenário tem mudado um pouco, mas ainda assim segue sendo praticamente o mesmo.

Dayana Rezende: Em nossa região, um marco foi o Adágio Instituto de Dança, da professora Mariângela Maganha, que ensinou por cerca de 35 anos e a dança contou grande incentivo municipal, em especial, no período em que a cidade esteve sob a gestão do prefeito Bimbo, a quem sou muito agradecida.

Henrique: Você, sendo uma serrana, uma pessoa do interior, o que lhe levou ao balé, à dança?

Ale Brandini: Fui incentivada pelos meus pais desde pequena que me colocaram nas aulas de ballet ainda no ensino infantil dentro da escola onde eu estudava! A partir daí nunca mais parei, e com o passar dos anos fui procurando um ensino adequado dentro do que eu queria para a minha dança.

Daiani Fiorire: Mais do que ser serrana ou uma pessoa do interior, a dança foi um caminho que escolhi para minha vida. Iniciei na ginástica artística, em um projeto social na cidade e depois minha mãe, Clarice, me apresentou o balé clássico. Me apaixonei e depois nunca mais parei de me especializar na dança.

Dayana Rezende: É como se já nascesse com essa "sementinha" da dança, desde criança, dançava pela casa, falava de balé e queria ser bailarina. E teve uma amiguinha que fazia balé no Rio de Janeiro e me contou sobre as aulas, mostrou os passos e aquilo despertou ainda mais a vontade. Na mesma época, o colégio Reino trouxe uma professora de balé que deu aula para nós durante um ano e, logo a seguir, comecei as aulas no Adágio Instituto de Dança.

Henrique: Todo artista sonha em ter o justo retorno financeiro exercendo o que ama. Como você atingiu a profissionalização? É necessário migrar para os grandes centros urbanos? É possível viver bem de sua arte, trabalhando em Serra Negra e região?

Ale Brandini: Me formei em Dança pelo curso técnico do Conservatório Musical de Amparo e sempre fiz muitas aulas, workshops e cursos de férias fora da cidade, principalmente depois de formada. Sempre me coloquei em muitos estilos diferentes de dança pois penso que hoje em dia, para trabalhar e ter sucesso você precisa entender e ter todas as danças em você e não ser apenas muito boa em um único estilo.

No meu caso fiquei em Serra Negra por anos ministrando aulas, mesmo já fazendo grandes trabalhos profissionais fora.

Mas teve um momento que senti sim a necessidade de migrar, pois eu queria estar completamente inserida no que eu queria desenvolver para o meu futuro, que não era apenas ministrar aulas e coreografar festivais. Mas acho que cada um tem a sua verdade dentro da sua dança e o seu propósito de vida. Então também acho que da pra viver da dança no interior sim, porém visando um ensino bom e verdadeiro aos alunos, dentro de academias e projetos sociais.

Daiani Fiorire: Eu busquei a profissionalização fora de Serra Negra, posso dizer que aqui foi uma base e depois migrei para vários locais e estados.

Viver da arte aqui em Serra Negra já foi mais complicado. No momento que você começa a se valorizar, as perspectivas mudam e o modo como as pessoas te veem também. Há anos foi disseminado uma tendência aqui na cidade de que os artistas trabalham de graça. Eu, junto a Fiorire, alunos, pais e responsáveis, não trabalhamos dessa forma. Amamos a dança, fazer arte, mas assim como todo trabalho, ele deve ser valorizado e honrado como deve ser.

Dayana Rezende: Hoje em dia, tem até faculdades online, ou bem perto, em Amparo, mas na minha época tinha que estudar longe e assim fiz a minha graduação em educação física e pós-graduação em dança, em São Paulo. As escolas de referência e os exames de graduação continuam nos grandes centros urbanos.

É possível, sim, viver da nossa profissão aqui na cidade! Sempre estou incentivando as minhas alunas. Com 14, 15 anos eu já era assistente de baby class e logo comecei a dar aula e é assim, também, com as minhas alunas desta idade, já atuando como assistentes e me ajudando eu

ensinando e levando para cursos de especialização para trabalhar com o balé infantil e assim vai começando, vai nascendo uma carreira.

Henrique: Para quem quer começar na dança, seja como lazer, seja por eventual interesse como profissão, quais dicas você daria?

Ale Brandini: Dedicação e amor! Pois assim, tanto por lazer, realização pessoal ou interesse profissional você encontrará a verdadeira excelência da dança dentro de você, e isso se torna alegre e prazeroso. Cada pessoa tem um limite físico e emocional e hoje em dia, não vemos mais um ensino tão duro quanto antigamente! A dança é para quem quiser usufruir de seus benefícios, seja com qualquer corpo, idade, gênero ou classe social. E dentro do nível que cada pessoa escolher para ela, mas a dedicação fará toda a diferença, e se ela ou ele tiver esse dom de expressar a sua verdade através da dança por prazer e realização, a dedicação não se torna uma obrigação e sim um estilo de vida que estará presente para sempre!

Daiani Fiorire: Quando falamos em aprender algo, para mim, a disciplina, amor, e a constância são as melhores formas de se chegar ao êxito e claro, acreditar em você.

Dayana Rezende: Em primeiro lugar, se dedicar muito às suas aulas, estudar em uma escola de balé que tenha os exames de graduação, pois são muito importantes para quem deseja seguir carreira.

Henrique: A imagem de uma atividade elitista, em parte, se deve ao fato de ter que investir em aulas, acessórios, dedicação, implicando em custo financeiro e de tempo, recursos estes escassos para famílias de baixa renda. É possível, para pessoas de baixa renda, ingressar no universo da dança? De que forma?

Ale Brandini: Acredito que hoje em dia os pequenos e grandes municípios ofereçam muito mais projetos que visam inserir as crianças carentes e de baixa renda em atividades culturais e esportivas. Como disse anteriormente, as crianças podem e devem ser inseridas na dança através de outros tipos que não sejam apenas o clássico, que já tem historicamente muitas regras e bloqueios. Isso também facilita a inserção de todos os gêneros na dança e não somente de meninas!

Daiani Fiorire: É possível, a dança, não somente o Ballet Clássico já vem rompendo com essa estrutura elitizada. Inclusive, a Fiorire desenvolve projetos sociais através da prefeitura de Serra Negra, onde crianças de baixa renda tem acesso às aulas gratuitas. E em muitas escolas do Brasil, há possibilidade do aluno ingressar com bolsas parcial ou integral.

Dayana Rezende: Para quem não tem condição de pagar uma escola particular, nossa cidade tem muitos projetos gratuitos, através da prefeitura, tanto para crianças, quanto para jovens, como para adultos. E não só com aulas de balé clássico, como também de danças urbanas e outros estilos.

A Cia de Dança Allegro da Escola Talento já forneceu bolsas a alunos que começaram com as aulas no CRAS - Centro de Referência de Assistência Social e demonstraram empenho e interesse em se aperfeiçoar.

Henrique: Recentemente, ocorreu o 38º Festival de Dança de Joinville.

Serra Negra já realizou mais de dez festivais de dança, de 1992 a 2005. Como eram estes eventos? Por que foram interrompidos?

Ale Brandini: Participei de alguns Festivais da Primavera em Serra Negra. Que me lembre, eram Mostras de Dança e não competições, como em Joinville. Sinceramente, não me lembro se os grupos se inscreviam gratuitamente ou não.

O festival cresceu ao ponto de não conseguir ser feito nas instalações do SNEC - Serra Negra Esporte Clube e migrou para o Centro de Convenções. Acredito que deve ter sido interrompido por não ter conseguido se sustentar pelo formato de Mostra, não ter taxas, se tornando inviável. Mas, deixo claro que são vagas lembranças, nessa época me apresentava apenas como bailarina intérprete dentro do Grupo do Conservatório.

Daiani Fiorire: Quando criança me lembro que haviam mais apresentações. Os festivais de dança no clube eram muito comuns, mas também somente uma parte da população tinha acesso devido ao valor dos ingressos. Acredito que foram interrompidos devido à recursos financeiros e pelo Covid.

Dayana Rezende: Quando comecei a dançar, ainda criança, havia o Festival da Primavera, com a apresentação de grupos do Circuito Das Águas e de outras regiões de São Paulo.

No início, eram eventos competitivos, depois, viraram Mostras de Dança. Aconteciam no SNEC - Serra Negra Esporte Clube, sendo as últimas edições já no Centro de Convenções, tendo sido assumidos pela Prefeitura.

Ninguém sabe ao certo por que foram interrompidos!

Henrique: O que pode ser feito para que Serra Negra se transforme em uma nova Capital Da Dança?

Ale Brandini: Pessoas locais ligadas à arte interessadas em encabeçar um novo projeto inteligente e sustentável que utilize os espaços físicos oferecidos pela cidade.

Daiani Fiorire: Acredito que seja um pouco difícil isso acontecer, mas não é impossível. Porém, antes de pensarmos em uma escala maior, se os órgãos públicos da cidade valorizassem mais o nosso trabalho e dessem oportunidades para outros artistas trabalharem na cidade, isso já seria um bom começo.

Dayana Rezende: Serra Negra, por todo esse crescimento em relação à dança, já está se tornando uma referência aqui dentro do Circuito das Águas, além de ser a única cidade da região que tem um teatro que comportaria a volta dos festivais!

Os próprios profissionais de dança da região, que já participam de festivais, como este recente, em Joinville, podem ajudar na elaboração deste projeto e na captação de jurados “de peso”, organizar por estilos de dança…

Nosso teatro só precisa de manutenção e terminar os camarins e a rede hoteleira é ampla o suficiente para receber os bailarinos, seus familiares e todo o público aficcionado.

Temos estrutura para receber um grandioso festival e seria muito bom para a cidade, tanto na área da cultura, quanto do turismo! Seria, assim, um passo gigantesco!

Henrique: Agradeço a vocês pela participação e parabenizo pela dedicação às Artes, ainda mais nestes períodos recentes de isolamento!

Mais do que fazer bem à nossa alma, as atividades culturais igualmente beneficiam e movimentam a economia, gerando novos postos de trabalho, atraindo milhares de turistas, lotando hotéis, restaurantes e o comércio.

Já contamos com os artistas e com a infra-estrutura, por isso, lanço o desafio: que voltem os Festivais!

Homenagem Ao Dia Da Consciência Negra

Sendo um homem branco, não tenho autoridade para abordar este tópico sobre certos aspectos que só um afrodescente tem propriedade e a experiência de quem realmente vive a questão em seu dia-a-dia.

Por outro lado, como artista plástico apaixonado pelas mais diversas culturas milenares, posso prestar minhas sinceras homenagens e admiração ao Dia Da Consciência Negra (20 de novembro), por meio da Exposição Diversidade, a qual, neste ano, será em Serra Negra / SP, com entrada franca.

Bem sei que muitos artistas focam nas adversidades e buscam denunciar por meio de suas obras, mas, eu prefiro focar na beleza das cores, das formas e das tradições populares, em especial, por meio de figuras femininas, empoderadas e, na maioria das vezes, representando figuras icônicas ou fascinantes personagens mitológicos.

Por defender que todas as culturas merecem ser compartilhadas e experienciadas, retrato por fotografias e pinturas temas indígenas, orientais, europeus e afros, sem distinção e, eventualmente, até miscigenando, tal qual ocorre na população de nosso Brasil.

Claro que, nesta exposição, em especial, selecionei as obras que homenageiam a Cultura Afro, como os exemplos que se seguem, em imagens e histórias:

Obs: acesse as imagens a seguir pelo link do QRCode

Mermaid Kianda (gravura acrílica sobre tela) - inspirada na mitologia angolana, esta sereia concedia desejos de riquezas e, caso o beneficiado agisse com avareza, seria condenado à eternidade no fundo do oceano, às vezes, levando junto toda a aldeia. Esta pintura já esteve em exposição em Madri, Barcelona e Viena.

Indomitable (gravura acrílica sobre tela) - obra do acervo particular da grande cantora Aline Wirley, gentilmente cedida para esta Exposição. Esta tela é composta por texturas de asas de borboleta, penas de aves, ambas africanas, assim como os grafismos e tatuagens pintadas sobre a pele desta poderosa guerreira.

“The Goddess Of The Seas” (gravura acrílica sobre tela) - inspirada nas tradições afro-brasileiras, em especial, Iemanjá, a obra retrata a rainha do mar, deusa protetora, maternal e, ao mesmo tempo, senhora da força da natureza das águas, implacável quando necessário.

Estejam todos convidados a prestigiar o Dia da Consciência Negra, visitando a Exposição Diversidade, onde poderão ver de perto as obras acima e muitas outras mais

Obs: acesse as imagens a seguir pelo link do QRCode

Miscigenação E Diversidade

Faz alguns anos participei com meus trabalhos fotográficos, do livro "Les Brésiliens vus par les Brésiliens" (Os Brasileiros vistos pelos Brasileiros), lançado em Paris.

Livro “Les Brésiliens vus par les Brésiliens” (Os Brasileiros vistos pelos Brasileiros), com artes de Henrique Vieira Filho

O tema que escolhi é o título deste artigo,pois, neste meu projeto, o biotipo étnico de cada indivíduo, ainda que possa predominar em uma direção, jamais nega a miscigenação de nosso povo e a orientação de vida de cada um, que transcende a própria tradição ancestral.

No citado livro de fotografias, retribuí à França um favor que ela me fez na adolescência: o contato com a cultura afro-brasileira!

Quando adolescente, me identifiquei com uma forma de luta francesa, chamada Savate, técnica que foi inicialmente praticada por marinheiros e chegou a ser a arte marcial militar oficial daquele país, no século XIX. Autodidata e sem ter onde aprofundar na técnica, fui acolhido em outra linha marcial com muitos movimentos semelhantes e que, na verdade, é de origem anterior e bem brasileira: a Capoeira.

Entre os anos 80 e 90. o Brasil estava, literalmente, exportando Capoeira para o mundo todo, em especial, aos EUA. Desde seriados de televisão, como “Kung Fu”, até filmes inteiros sobre o tema (por exemplo: “Esporte Sangrento”), pudemos assistir a havaianos, mexicanos, afro-americanos e até “alienígenas” (série Stargate - SG1) encarnando capoeiristas!

Enquanto alguns podem interpretar que tiveram sua cultura usurpada, outros levarão em consideração fatores positivos, como a divulgação a um público amplo e a abertura de postos de trabalho para capoeiristas que coreografaram e ensinaram a arte aos atores e dublês.

É delicada a distinção entre apropriação cultural e a admiração e reverência sinceras.

Como artista visual e psicoterapeuta apaixonado pelas mais variadas tradições seculares e histórias mitológicas, acredito que toda Cultura deve ser conhecida e compartilhada.

No Brasil, é comum caucasianos reverenciando o Candomblé, afro descendentes praticantes de tai-chi-chuan, orientais atuando com xamanismo…

Várias de minhas pinturas e fotografias representam a pluralidade cultural de que somos compostos. Uma das telas que estará na Exposição Diversidade, é a African Gioconda, onde temos a beleza da etnia afro estampada tanto em uma moderna Mona Lisa, quanto nos grafismos, inspirados nos tecidos artesanais africanos.

A miscigenação é uma das marcas de nosso país, inclusive, nas Artes: nossas músicas, danças, culinária, literatura, língua…

Um ótimo símbolo de integração cultural é o nosso brasileiríssimo Saci: de nossos índios, ele herdou o poder de comandar o vento e a magia, enquanto os europeus lhe presentearam com a baixa estatura, as travessuras e o gorro vermelho dos trasgos (duendes) e, por fim, nossos afrodescendentes acrescentaram a esperteza, a cor da pele e a perda de uma das pernas, de tanto jogar capoeira.

Em tupi-guarani, "perereca" é designação para tudo que se locomove aos saltos.

Já o termo "saci" é uma onomatopéia, ou seja, uma palavra idêntica ao som a se descrever, no caso, o canto (que também é seu nome...) de um certo pássaro muito arisco, difícil de ser visto, fácil de ser ouvido, enquanto exclama, continuadamente: _ "Sa.. ci... sa...ci... sa...ci...".

Neste dia 20/11/2021 (sábado), às 10hs, no Mercado Cultural (Serra negra/SP), teremos algumas destas histórias, pinturas e fotografias, além de uma apresentação de capoeira, tudo com entrada franca. Você, leitor, é nosso convidado!

Homenagem ao Dia Da Consciência Negra, com a Exposição "Diversidade": Abertura às 10hs, dia 20 de novembro de 2021, no Mercado Cultural: Praça XV de Novembro - Estância Suíça, Serra Negra - SP - Entrada franca

Mãe Arte Traz Seu Sorriso De Volta Em Dois Dias

A Arte está em toda parte, tão inserida em nosso dia-a-dia, que nem sempre percebemos. Nestes tempos de pandemia, quanto conforto recebemos por meio de livros, filmes, séries e música, acalentando nossos corações.

Nos recentes dias, muitos de nós saímos às ruas para apreciar as luzes e decorações natalinas e retornamos mais leves, sorridentes, com uma sensação boa.

A iluminação temática, os retalhos tricotados, os arranjos de plantas ornamentais também são formas de Arte.

O resultado final, que tanto encanta, só é obtido graças a muito estudo e dedicação.

Quem assiste à beleza dos movimentos dos dançarinos, nem sempre faz ideia dos anos de estudos, ensaios e o preço físico e emocional investido.

Os pés desta foto (obs: acesse as imagens pelo link do QRCode) poderiam ser de qualquer dos mais de 80 bailarinos que estarão no Centro de Convenções, neste final de semana.

Foram anos de estudos e meses de ensaios e treinos para trazer para nós o espetáculo "Romeus's e Julieta's"!

Até mesmo as artes plásticas, que não demandam tanto esforço físico, igualmente exigem bastante do artista. Cito aqui uma colega a qual, quando lhe perguntam quanto demorou para terminar esta ou aquela pintura, ela responde:

"Cerca de 50 anos", pois ela soma os anos de aprendizado técnico e amadurecimento pessoal que necessitou para atingir o patamar atual em seus trabalhos.

Inclusive, a espera de secagem da tinta pode ser angustiante: uma pintura a óleo sobre tela leva mais de seis meses para poder ser manuseada!

Por sinal, o termo "vernissage" é utilizado para nomear a inauguração de exposições, pois, ao menos antigamente, o pintor estaria terminando de passar o verniz nas obras, para apresentar ao público.

Bem, chegou o momento de justificar o título desta crônica! Boa parcela de nós, brasileiros, temos curiosidade sobre tradições e "simpatias", como, por exemplo, a escolha de cores de roupas para a passagem de ano.

Chegou a minha vez de criar duas novas, aqui em Serra Negra: para reforçar o amor em sua vida, tem que assistir à peça "Romeu's e Julieta's" e, para ter um desejo atendido, tem que pedir junto à pintura "1000 Tsurus", pois nela estão pintados mil origamis, conforme pede a tradição japonesa.

E a simpatia fica muito mais poderosa, pois junto ao valor simbólico do ingresso, você deve trazer 1 kg de alimento não perecível, para doação ao Fundo Social de Solidariedade.

Assessor de Assuntos Aleatórios do Papai Noel

Em setembro deste ano, Serra Negra recebeu o show do multi-instrumentista Derico, igualmente famoso como "assessor de assuntos aleatórios" (era convocado a falar sobre qualquer assunto e sempre de forma divertida) do José Eugênio Soares, mais conhecido como Jô Soares, que, além de ator, humorista (criou e interpretou dezenas de personagens icônicos), escritor, dramaturgo, diretor teatral e músico, ainda comandou o programa de entrevistas mais consagrado da televisão brasileira.

Certa vez, fui convidado a concorrer com o Derico e explicar as origens e as lendas relacionadas à época do Natal. Acredito que fui um bom "assessor de assuntos aleatórios", já que a entrevista foi reprisada por três Natais seguidos!

Antigos xamãs, cogumelos alucinógenos, renas, São Nicolau e até um refrigerante famoso fizeram parte da conversa televisiva, onde expliquei como tais histórias mesclaram e chegaram até nossos dias, transformadas em "Papai Noel".

Vamos começar com a figura milenar dos xamãs siberianos, vestindo suas pesadas roupas de pele, viajando velozmente em seus trenós puxados por renas, em busca do sagrado cogumelo vermelho e branco, colhidos um a um e armazenados em um saco de couro, para serem compartilhados com os membros destacados da tribo.

O sacerdote entra pela chaminé das moradas (eram casas subterrâneas, sendo uma mesma passagem para as pessoas e para a fumaça das fogueiras), presenteando os moradores com suas cantigas, danças e, é claro, o fungo mágico, o qual, para ter sua toxicidade diminuída, era assado na fogueira, espetado em galhos. Alguns dos efeitos deste vegetal é a sensação de voar, além de vermelhidão nas bochechas e nariz, comumente acompanhados de surtos de gargalhadas...

Qualquer semelhança com a moderna figura do Papai Noel de rosto rosado, aterrizando de seu voo, colocando presentes à lareira, assando marshmallows e rindo à toa, é muito mais do que coincidência...

Das terras geladas do Norte, as histórias destes poderosos xamãs migraram para o restante do mundo ocidental, criando sincretismo com as lendas já existentes naquelas regiões.

Para alcançarmos a mercantilizada e moderna figura do "Papai Natal" ("natalis" no latim, derivada do verbo "nascor" ou seja, "nascer", de onde originaram "natal", em português, "natale", em italiano, e "noël", em francês...), temos que destacar a forte influência de duas organizações muito poderosas: a antiga igreja romana e... o fabricante de um famoso refrigerante!

Uma das eficientes estratégias de disseminação na "nova" religião era a de incorporar para si, as datas, festejos, ritos e personagens de suas "concorrentes", adaptando-os para si.

Desta forma, eram mais facilmente aceitos e compreendidos pela população, acostumada com os antigos deuses e cerimônias.

Por exemplo, a data comemorativa do nascimento de Jesus de Nazaré foi alterada mais de uma dezena de vezes, convenientemente coincidindo com festividades já existentes do público alvo.

A última data assumida corresponde ao solstício de inverno no hemisfério norte, ocasião em que festejavam o deus Mitra, cujo principal templo era onde hoje se encontra o Vaticano.

Os publicitários papais ainda conseguiram “salvar vários coelhos com uma só cajadada no caçador” (é que sou vegetariano...), criando o “super-xamã” !

Nenhum trenó de renas voava mais veloz do que o do bispo Nicolau...

Ninguém trazia presentes melhores que os dele: moedas de ouro para as donzelas sem dote e brinquedos para as crianças, fabricados por um exército de demônios que ele subjugou, obrigando-os a trabalhar para ele.

As mesmas forças que transformaram “vossa mercê”, em “vós mecê”, depois em “mecê”, “você”, “ocê”, até o atual “cê”, fizeram com que “Saint Nikolaus” (Santo Nicolau) migrasse para os Estados Unidos, como “Santa Claus” e de um bispo católico, para um personagem cristão genérico.

Novamente,os publicitários têm seu papel nesta história e a primeira figura da nova versão do personagem de que se tem notícia é de 1863, de autoria de Thomas Nast, mantendo traços de figuras bíblicas, como a respeitável barba branca, mas trajando roupas estilo esquimó, apropriadas às terras gélidas e distribuindo presentes, como o santo católico e os xamãs.

Pela primeira vez, a lenda de Santa Claus aparece associada aos festejos natalinos, tradição incorporada em definitivo até nossos dias.

Alguns estudiosos do xamanismo afirmam que, nas cerimônias com os cogumelos sagrados, os sacerdotes vestiam-se com as mesmas cores deste alucinógeno vegetal (vermelho com círculos brancos...).

Eis que em 1931, finalmente o personagem é ilustrado com vermelho e branco, justamente as cores do rótulo da bebida que patrocinou a campanha publicitária, que se renova todos os anos, desde então, associando o "bom velhinho" a esta marca específica.

É uma ironia do destino que, este produto que nasceu como xarope para dores de cabeça e que se reinventou como refrigerante, utilize as mesmas cores do fungo "mágico"...

Ainda mais porque seu nome sugere que os extratos vegetais de sua fórmula secreta tenham a ver com a folha-de-coca e a noz-de-cola, poderosos estimulantes, mas que, felizmente, longe estão dos efeitos da referida planta xamânica.

Claro, sei que existem muitas outras versões igualmente plausíveis para tudo que abordamos neste pequeno texto.

Creio que nunca saberemos o que é verdade e o que é ficção, quais histórias foram propositadamente criadas com fins bem definidos e as que surgiram espontaneamente oriundas dos sonhos e anseios da humanidade.

O importante é constatarmos que estas festividades, mais do que simples produtos do mercantilismo moderno, remontam ao universo dos Arquétipos, dos Símbolos e do Inconsciente Coletivo, que fascina não só aos Psicanalistas, como a todo indivíduo em busca de conhecimento.

Independente disso, ainda que no Brasil seja verão, antecipo aqui, meus votos de um feliz festejo de solstício de inverno para todos !

O Milenar Pinheiro Natalino

Em continuidade ao meu papel de “assessor de assuntos aleatórios do Papai Noel”, chegou a vez de contar as origens da árvore de Natal.

Por sobreviver aos rigores do clima, o pinheiro simboliza a superação da morte e a vida eterna, nas mais variadas culturas.

No solstício de inverno, data em que o pior do frio já passou, os povos antigos comemoravam o início do ano novo, com festividades regadas a todo tipo de excessos, que se alternavam até o início da primavera.

Passando por sincretismos, estas tradições sobrevivem na modernidade, adaptadas como festejos natalinos, de passagem de ano, carnaval, Páscoa, dentre outras comemorações.

A tradição de enfeitar um pinheiro já existia na Europa há milhares de anos, nos ritos dedicados a Átis, filho e esposo da deusa Deméter (Cibele), sendo que cortavam a árvore e a enrolavam como a um cadáver, representando a morte desta divindade grega-romana.

O dia seguinte era de luto e de jejum. Depois de três dias, passavam dos gritos de desespero para um júbilo delirante com banquetes fartos e alegria pela ressurreição de Átis, sendo então o pinheiro colocado em pé e enfeitado.

No Século 16 a tradição já estava associada ao Natal, especialmente, na Alemanha, sendo uma das histórias mais propagadas a de que foi Martinho Lutero quem primeiro utilizou velas acesas e algodão para simular que o pinheiro estava coberto de neve, com as luzes das estrelas ao fundo.

A popularização e expansão mundial da “árvore de Natal” se deu graças à rainha Vitória, em especial porque, em 1848, o jornal Illustrated London News publicou um desenho da família real britânica em torno de um pinheiro todo decorado.

Como podem constatar, “influencers” já existiam e globalizaram modismos, antes mesmo da internet!

Não percam o próximo capítulo, com mais curiosidades sobre os festejos de fim de ano!

O Simbolismo Do Vinho

Toda festividade de passagem de ciclos inclui aguardentes, sendo o vinho considerado a “água da vida”, o “sangue divino”, simbolismo este o mesmo em quase todas as culturas.

No mito de Dioniso (Baco), seu sangue era o vinho, que transforma o que o rígido em espírito livre.

Em uma de suas lendas, ele encontra Penteu, o ditador de Tebas, que tentava acabar com as bacanais (festas de culto a Baco).

Utilizando de seus poderes, o obrigou a revelar o seu desejo secreto: queria mesmo era participar!

Dioniso disfarçou o rei como mulher (na psicanálise, o feminino é o caminho para o inconsciente...), conduziu-o até o local da festividade e o elevou para o alto de um pinheiro.

Contudo, as bacantes descobriram e fizeram o rei em pedaços. Sua cabeça foi arrancada por Agave, sua mãe, líder das demais mulheres...Freud e Jung explicam!

Em nossa versão da história, o final é mais otimista do que o escrito por Eurípides, na célebre tragédia “As Bacantes”: Dioniso recompõe o rei de Tebas, que renasce um soberano digno e um verdadeiro líder!

Assim é a “embriaguez divina”, que busca despertar o divino em si, bebendo o “sangue de deus”, rito habitual em inúmeras religiões, em especial, no Mitraísmo, cuja tradição de comunhão chegou até nossos dias, via Cristianismo.

Até mesmo o antigo ritual romano de brindar (palavra que significa: “bebo por ti”), derramando um gole para Baco, sobrevive no Brasil, miscigenado como sendo “para o santo”!

Sobre os votos de “saúde”, historiadores dizem que se origina da possibilidade de envenenamento, proposital nas disputas entre os nobres ou consequência da má qualidade do vinho, no caso dos plebeus!

Tim tim, Toast, Salute, Santé, Salud, Steniyasas, Prosi, Proost, Za zdorov, Skäl! Saúde para todos!

Ano Novo, Calendário Velho

Nosso calendário atual é povoado por deuses, imperadores e algarismos romanos!

O mês de Janeiro é dedicado ao deus Janus, protetor de todos os recomeços, representado com duas faces, uma voltada ao passado, outra, ao futuro.

Fevereiro é o mês reservado às cerimônias de purificação e expiação denominadas Februa, em honra à divindade de igual nome.

Março é relativo a Marte, deus guerreiro. Como a primavera (hemisfério norte...) aflora no mês seguinte, o nome é Abril, que significa “abrir”, período que homenageia Vênus, Flora, Vesta e Ceres.

O mês de Maio possui variadas versões: ora deriva da deusa Maia, mãe de Mercúrio, ora pode originar de “aos Maiores” (Maius), ou seja, período dedicado aos mais velhos, aos antepassados.

Por sinal, esta versão corrobora a de que Junho (Iunius = jovens) fosse um período em homenagem aos jovens; outrossim, também pode ser atribuído à deusa romana Juno.

Os meses de Julho e Agosto homenageiam os imperadores romanos Júlio e Augusto, iniciando-se, a partir deste ponto, a nomeação sequencial numérica para os demais: Setembro (7), Outubro (8), Novembro (9) e Dezembro (10).

Na antiguidade, a passagem de ano era no solstício de inverno, após o qual, começa a declinar o frio, com todos alegrando-se por terem sobrevivido.

E que, logo mais ocorrerá o início do calor, da abundância de recursos, do desabrochar da vida.

Ou seja, o calendário mundial é coerente com o norte da Terra, porém, no Brasil, ainda estaremos no verão!

Modernamente, continuamos a celebrar, não mais pela sintonia coletiva com a natureza à nossa volta, e sim, por adaptações religiosas às datas festivas e pela pressão comercial que impõe a todos um calendário padrão.

Ainda que sem sincronia perfeita com a natureza, que se registre meus sinceros votos de um feliz 2022 a todos os leitores!

Por Uma Cultura de Doação

Fiquei orgulhoso e encabulado ao mesmo tempo, graças a uma matéria neste jornal sobre a campanha de nosso Fundo Social de Solidariedade, destacando a doação de uma de minhas artes.

A moral judaica-cristã dita que a caridade anônima será recompensada no céu, enquanto que, se for pública, o doador já recebeu a retribuição em vida.

Talvez por isso, seja comum postar, em redes sociais, a alegria e orgulho sobre um bem adquirido, mas, ainda causa estranheza quando alguém torna pública uma doação.

Para os necessitados, não faz diferença a intenção, pois, o que realmente importa é que chegue em suas mãos e, para que campanhas aconteçam, a publicidade é fundamental.

Uma querida amiga, a cineasta Liz Marins, já angariou milhares de doações promovendo o Dia do Vampiro, no qual os voluntários, trajados de vampiros, seguem em passeatas até o hemocentro.

A estratégia atrai a atenção e gera inúmeras reportagens, angariando mais e mais doadores!

Pesquisas apontam que metade dos brasileiros já pratica doações, a maioria em forma de bens (alimentos, roupas, brinquedos, etc) e serviços (trabalho voluntário).

A outra metade é composta em parte justamente pelos necessitados, existindo ainda uma grande parcela em condições de ajudar que precisa ser motivada, fora as empresas, que colaboram muito menos que os indivíduos!

Comércios e fábricas não almejam o céu, mas, podem ser recompensados por suas doações angariando a simpatia do consumidor.

Apreciadores de arte, investidores e empresas formam o público alvo que pode transmutar a obra “1000 Tsurus” (que foi doada para ser adquirida) em mais de uma tonelada de arroz, se considerarmos seu valor de mercado.

Já esteve em exposição no museu de Turim, em galerias de Paris, New York, Miami e até em programas de TV, valorizando-a ainda mais, sendo um atrativo extra para conquistar os filantropos de nossa região!

Lanço, aqui, o desafio do bem em transmutar esta arte em doação de alimentos: quem se habilita? A sociedade agradece!

Carnaval: Origem e Significado

A origem do Carnaval é milenar; deriva das mais variadas culturas em seus ritos de final de inverno, início de primavera (esperança e renascimento após um longo e difícil período…), que corresponde ao mês de dezembro, nas regiões européias.

Com a inclusão de dois novos meses em homenagem aos imperadores (Julho – Júlio Cezar e Agosto – Cezar Augusto…), somado à conveniência política de vincular à quaresma (40 dias de abstenção da carne; carnem leváre = carnaval), os festejos se transferiram para fevereiro, perdendo sua característica de comemoração de ano novo.

A chamada "Quarta-Feira de Cinzas" nasce do ritual de sinalizar com cinzas a testa dos fiéis que se preparam para jejuar, lembrando-os de que tudo é transitório e que devemos retornar ao "pó" original.

Das várias divindades "pagãs" relacionadas aos rituais da primavera, a que melhor se adequa ao atual espírito carnavalesco é Baco (Dioniso), que induz a conhecer nosso lado oculto e saciar desejos reprimidos.

Trata-se de uma catarse coletiva, uma "válvula de escape", sob relativa tolerância da sociedade, visto que são manifestações limitadas no tempo e espaço.

Certos historiadores associam o uso de máscaras e fantasias como forma de disfarçar as verdadeiras identidades e evitar represálias dos governantes.

Do ponto de vista psicanalítico, esta tradição tem raízes bem mais profundas e atemporais.

Ao invés de ocultar, as fantasias servem justamente para despertar, em quem as usa, os atributos que são tradicionalmente associados ao ser personificado.

Por “apropriação mágica”, seja na aparência, no comportamento e poderes, o usuário desperta em si as características que projeta na figura representada.

Ferramenta de adaptação, recurso de defesa psíquica, todos nos “fantasiamos” em nosso dia-a-dia, o que, dentro de certos limites, é saudável.

O único e verdadeiro risco é nos apegarmos às “máscaras” e deixarmos de perceber que somos muito mais do que nossas fantasias!

Nossa Senhora Negra E Iemanjá Branca

Lendo as notícias da semana, em que a Bahia celebra Iemanjá neste dia 02/02 e que o ano 2022 está sob sua regência, lembrei da eterna polêmica de suas imagens com pele branca e cabelos lisos, em contradição à sua matriz africana.

Já estudei várias teses universitárias acaloradas sobre o embranquecimento, o eurocentrismo e o apagamento do corpo negro na arte, que ocorre no Brasil.

Por outro lado, nosso país igualmente idolatra uma Virgem Negra, aparecida como estátua nas redes de humildes pescadores, que se tornou a padroeira católica brasileira.

Da mesma forma, a negra imagem de Nossa Senhora do Monte Carlo tornou-se mãe da Polônia. Sua estampa foi trazida de Constantinopla pelos cruzados.

Conta a lenda ter sido feita por São Lucas, que pintou em uma mesa de cedro na casa da Sagrada Família, retratando a figura materna junto a Jesus menino:

Estudos psicanalíticos teorizam o fenômeno das Madonas Negras (além dos dois casos acima relatados, beiram às dezenas no catolicismo europeu)!

São como reflexos da memória ancestral da humanidade, reprisando padrões universais (arquétipos) do culto à Grande Mãe, como em Isis (Egito), Shakti (Índia), Deméter (Grécia), dentre as mais conhecidas.

Entretanto, como a explicação mais simples tende a ser a correta, temos desde a simplória teoria do escurecimento das tintas e vernizes sob efeito das velas e incensos nos santuários, até o plausível e curioso “causo” elucidando a “branquitude” da Iemanjá brasileira.

Nos anos 50, um dirigente umbandista encomendou, como presente, uma pintura a óleo retratando a orixá com as feições de sua própria esposa, trajando azul e pairando sobre as águas, tal qual uma visão que ela teve. A pintura fez sucesso e foi emprestado a outros templos e, de tão solicitado, tiveram que disponibilizar cópias, que passaram a ser vendidas em uma livraria especializada, no Rio de Janeiro.

Assim, o retrato original serviu de inspiração para os demais artistas em suas versões como estátuas e ilustrações que atualmente se encontram por todo o país.

São Pedro Ou Amanaci: Quem É O Manda-Chuva?

Com a previsão do tempo para estes dias, o tema nem podia ser outro!

Pode "tirar o cavalinho da chuva", pois a lista de divindades "suspeitas" por tanta água é bem longa: Ishkur, da Suméria; Ninurta, da Mesopotâmia; Tefnut, do Egito; Adad, da Babilônia; Baal, da Cananéia; Indra, da ìndia; Zeus, da Grécia; Chac, dos maias; Illapa, dos incas; Tlaloc, dos astecas, etc, etc…

Tamanha é a importância das chuvas para a humanidade que todos os povos encontram alguém para quem rezar pelo clima.

E no Brasil, quem é o "manda-chuva''? O primeiro a ser indiciado é São Pedro. Afinal, graças ao seu alto cargo e com acesso a todas as chaves, tem os meios para abrir as comportas do céu.

Há quem diga até que ele usa pseudônimo e que seu verdadeiro nome é Simão. Como agravante, temos o testemunho do compositor Jorge Bem Jor, que alega que há uma disputa com Santa Clara, que anda desfazendo o aguaceiro do suspeito.

Eis um trecho do depoimento: "Santa Clara, clareou. E aqui quando chegar vai clarear. Enxugando o sereno com seus raios solares. Cheio de esplendor".

Para sermos justos, existe uma outra indiciada, a deusa Amanaci, que possui uma alcunha "incriminadora": Mãe das Chuvas! De origem Tupi, tem evitado os "paparazzi", a tal ponto de quase passar despercebida ultimamente.

Enfim, tanto São Pedro, quanto Amanaci, tem acessos a todos os meios e tiveram todas as oportunidades para cometer o “ilícito” de tantas chuvas.

Contudo, falta desvendar qual seria a motivação. Denúncias anônimas afirmaram que não houve crime nenhum, pois foi um caso de legítima defesa!: a humanidade é quem atentou contra a Natureza!

Assim sendo, todas as divindades não tiveram alternativa, a não ser intervir: dilúvio, de novo!

Creio que é justo. Afinal, “quem semeia vento, colhe tempestades”.

A Briga de Pã, Santo Antônio e São Valentim Pelo Dia Dos Namorados

Tudo começou com a antiga festividade romana pré-cristã, a Lupercália, que era celebrada cinco semanas antes da primavera (naquela região, em 14 de fevereiro).

Era a festa de Pã, o Fauno Luperco (o que protege do lobo), no final de inverno, dando início ao ciclo de fertilidade vindouro.

A Igreja Romana, em excelente estratégia de marketing, apropriou-se da data, transformando-a no dia de São Valentim, criado no século V d.C., pelo papa Gelásio.

Sobre este santo há três versões, sendo a mais popular a de que realizou casamentos em ritos católicos, contrariando ordens do imperador, morrendo como mártir.

Associado aos jovens que desejam o matrimônio, a data foi adotada por franceses e ingleses.

Posteriormente, pelos EUA, popularizando mundialmente como "Valentine's Day".

Como curiosidade, em 1969, a igreja católica aboliu a data, oficializando suas dúvidas quanto à santidade e, até mesmo, quanto à real existência de Valentim.

Independente disto, as comemorações comerciais atreladas ao referido dia seguem pelo mundo, excetuando-se no Brasil!

Sentindo-se injustiçado, Santo Antônio contratou o publicitário João Agripino Doria, que criou, em 1949, o Dia Dos Namorados.

Ele aproveitou para alavancar as vendas de junho, de uma loja que patrocinou a campanha.

A empresa nem mais existe… Contudo, o dia 12 de junho, véspera do Dia de Santo Antônio (santo católico tido como “ casamenteiro”...) consagrou-se entre os brasileiros!

Seja em nome de Pã, Valentim, Antônio ou dos publicitários, como psicanalista, bem sei que relacionamentos são pautas constantes nas sessões nestas datas.

Já como artista plástico, ainda mais sendo retratista, é um período de grande satisfação, pois, todo ano, sou desafiado a retratar fantásticos casais, conciliando o universo individual dos homenageados, com os arquétipos com os quais estão em sincronicidade, no momento da experiência de Arte!

O Outro Lado Do Carnaval

Minha relação com o Carnaval é ambivalente.

Por um lado, fico feliz, pois sempre sou chamado para entrevistas, devido aos meus estudos sobre rituais antigos.

Ao lado de sambistas e passistas, minha figura (às vezes, até usando terno…) contrasta nas mesas redondas televisivas.

Contudo, eu não consigo frequentar as festividades, pois tenho uma condição chamada misofonia, onde sons altos, barulhos, desafinações, literalmente causam enorme desconforto.

Foi como artista plástico que passei a conhecer um outro lado desta festa popular: o financeiro.

Como parte do processo criativo para retratar uma querida socialite carioca, pesquisei suas preferências de cores, padrões, estilo de vida, filosofias e constatei que se tratava de uma grande carnavalesca!

Além do prazer em desfilar como destaque em escolas de samba, um outro fator estava presente: parte de seus rendimentos têm origem em seu trabalho como promoter de eventos de luxo, como os grandes bailes paralelos ao carnaval de rua.

Em homenagem à uma das mais queridas socialites e promoter carioca, a tela apresenta a deusa Ísis sob um prisma de Carnaval, que é uma de suas grandes paixões.

As atividades culturais, além dos seus benefícios como entretenimento, também são sustento para um exército de trabalhadores de todas as camadas sociais, além de repercutir positivamente no setor de turismo, com as prestações de serviços, comércio, hospedagem, alimentação, transporte…

Eu mesmo, no silêncio do ateliê, também me beneficiei, trabalhando com pintura corporal e retratos, como nas imagens que ilustram este artigo.

Existe, até mesmo, um grande mercado voltado ao público que prefere “sumir do mapa” nestas épocas. Só tenho a agradecer os rendimentos que conquistei ministrando cursos, palestras e vivências em retiros de carnaval, como terapeuta.

Enfim, assim que a pandemia permitir, seja a trabalho ou lazer, fico na torcida pelo retorno do Carnaval, nos anos futuros!

Dia Das Mulheres - Eles Por Elas

E pode um homem escrever tendo como pauta o Dia Das Mulheres?

Claro que também pode! Esse é o espírito do movimento **He For She (Eles Por Elas)**, que convida pessoas de todos os gêneros a serem solidárias às mulheres.

O objetivo é formar uma frente ambiciosa, visível e unida em direção à igualdade de gênero.

Uma das principais idealizadoras dessa campanha é Emma Watson, embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres.

Em concordância, inúmeras personalidades masculinas brasileiras publicaram seus depoimentos em prol do Movimento Eles Por Elas - He For She, tais como Mateus Solano, Bruno Gagliasso, Anselmo Vasconcelos e Serra Negra contou com um representante nesta causa, no caso, eu!

Na verdade, com muita honra, em reconhecimento por exercer profissões na qual a grande maioria (inclusive, como clientes) é do sexo feminino.

Nascido em uma época na qual a educação era francamente machista, pertencia a uma geração que teve e ainda tem muito a evoluir em prol da igualdade.

Aprendi a ser uma pessoa melhor, amadurecendo com a vida, pois tanto no pessoal, quanto nos estudos e no profissional, tenho o privilégio de ser minoria, às vezes único, em ambientes majoritariamente femininos.

Como terapeuta, quase a totalidade da clientela sempre foi de mulheres que compartilham comigo seu universo, em toda sua beleza e em todo o seu terror.

Anos de incontáveis sessões onde tanto o corriqueiro, quanto os mais obscuros traumas se desvendam e onde aprendi a respeitar, compreender e apoiar o feminino.

Atualmente focado em minhas artes, a temática preferida enaltece o feminino, onde retrato poderosas deusas mitológicas das mais variadas culturas.

Sou prova viva de que, mesmo criado machista, o indivíduo pode e deve superar este condicionamento, aprender com as mulheres e conviver em igualdade com todos os gêneros.

He For She, Eles Por Elas, eu com todos nós!

Ride, Piolin!

Em 27 de março se celebra o Dia Do Circo, uma homenagem ao nascimento de Piolin.

O termo “palhaço” deriva da “palha” que os pioneiros usavam para encher suas roupas, criando formas engraçadas, além de amortecer as quedas acrobáticas.

Piolin, de tão querido, foi “devorado” pelos modernistas que desejavam trazer sua brasilidade para suas próprias artes, no famoso “banquete antropofágico”, organizado por Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, na Casa Mappin.

Em contraponto à tradição de alegria do palhaço brasileiro, a indústria cultural norte-americana vem impondo a versão aterrorizante, ora como psicopatas “imortais”, ora induzindo à morte lenta pela ingestão contínua de lanches e batatas-fritas.

Por sua vez, as obras seculares européias apresentam a figura escondendo sua tristeza por meio do riso, tal como Pierrô ao constatar o interesse de sua amada Colombina pelo Arlequim.

Na verdade, todos os povos têm suas versões ancestrais dos bufões, personagens que caminham lado a lado com os heróis em suas jornadas e que surpreendem com atitudes inusitadas, habilidades acrobáticas e soluções criativas, sem as quais, a história não teria êxito.

No Tarô, ele é representado como “O Louco”, literalmente uma “carta fora do baralho”, tanto é que nem número possui. Nos jogos, tamanha é sua habilidade, que pode substituir a qualquer outro: ele é o coringa.

O palhaço das cartas caminha com alegria, despreocupado das posses materiais, confiando sua trajetória aos desígnios do universo. Sem essa coragem ingênua, a jornada não triunfaria.

O Evangelho judáico-cristão afirma que a sabedoria de Deus parece loucura aos homens.

Ou seja, um certo nível de loucura, de "palhaçada", pode ser bem saudável em nossas vidas, se levarmos em conta os ensinamentos ancestrais.

Por isso, ride, caro leitor! Ride!

Felicidade Interna Bruta

Em contraponto às notícias da pandemia e suas sequelas, escrevo aqui sobre o Dia Internacional da Felicidade.

Por iniciativa da ONU, 20 de março é a data escolhida para lembrar aos governos que o bem-estar do povo deve ser considerado como meta ainda maior do que a produção.

Com esse objetivo, foi criado o indicador de FIB – Felicidade Interna Bruta, a ser priorizado ante o PIB – Produto Interno Bruto.

O país Butão, versão real do Shangri-la e também localizado na região do Himalaia, adotou uma série de medidas focando este caminho bem intencionado.

Mas, como tudo que é imposto e de cima para baixo, nem todos ficaram felizes…

Convenhamos, felicidade está mais para uma percepção individual, ainda que, de certo, o coletivo influencie.

A etimologia (estudo da origem das palavras…) nos dá ótimas pistas quanto à percepção de cada cultura.

Em latim, “felicidade” deriva do conceito de gerar frutos, produzir… Já a língua inglesa associa à boa sorte, em ser favorecido pelo divino (“happiness”).

Para a primeira, é algo gerado de si e externado ao mundo, enquanto que para a outra, um favorecimento exterior é a razão de ser feliz.

Pessoalmente, me identifico com a definição chinesa do I Ching, que é uma língua escrita em código binário (a mesma dos computadores...), de origem desconhecida, com milhares de anos.

O Hexagrama (símbolo gráfico desta linguagem) correspondente à "felicidade" chama-se "Tui", que representa dois lagos interligados, ou seja, sua sede está suprida e com baixo risco de ser afetado pela seca. Soma-se a imagem serena da água calma, refletindo o observador (desde que não seja o Narciso, é claro...) tal qual espelho de corpo e mente.

Nesta versão milenar, o conceito está mais como uma situação individual, momentânea e serena, originada tanto do exterior, quanto interior, reflexos um do outro.

Por este prisma, a Felicidade pode ser como o sorriso de Mona Lisa: sutil, enigmático e, ainda assim, a almejada obra prima de toda uma vida...

Todo Dia Era Dia De Indígena

Após um bom banho, deitei na minha rede e, entre um gole e outro de guaraná e punhados de pipoca, fiquei pensando em como homenagear a cultura indígena.

Além da evidente presença em nosso dia-a-dia, nos hábitos alimentares, na higiene e até terapêuticos, quero aqui focar na influência sobre as artes.

Eu, por exemplo, estudei e adotei grafismos indígenas nas pinturas corporais que aplico e fiz releituras de clássicos, como a “Mona Lisa” e “O Nascimento de Vênus", diversificando as personagens femininas para versões tupis.

Na literatura brasileira, então, constatamos um verdadeiro culto às nossas heroínas nativas: Aurélia, Iracema, Cecília, Capitu, Moema e muitas outras que se somam ao panteão dramático indigenista, das quais destacarei duas bastante conhecidas aqui no Circuito das Águas.

Muitos saciam a sede com produtos que levam o nome da personagem épica Lindóia (de “O Uraguai”, obra de Basílio da Gama), que preferiu a morte à negação do amor.

Outros tantos de nós, bebemos das lágrimas da Índia Obirici.

Sua lenda nos conta que disputou com sua irmã Paraí o amor do cacique Abaetê, que foi orientado por Tupã e Sumá a propor um torneio de arco e flecha para resolver a questão.

Obirici perdeu, caindo na mais profunda tristeza.

As Parajás, deusas da piedade e da justiça, tentaram consolar. A divina Paré, deusa da fé, não conseguiu lhe dar esperança. Tolori, deus da coragem, também tentou lhe animar.

Dia e noite, as lágrimas da formosa indígena caíram, formando o córrego Ibicuiretã, sobre o qual estendia seus braços para o céu, até que Tupã atendeu suas preces, pondo um fim em seu sofrimento.

O rio de choro fica no Sul do Brasil, mas, perto de nós, temos a Fonte da Índia Ubirici, que, mesmo triste, ainda nos concede atender um desejo, desde que consigamos encontrar os sete pássaros escondidos em seu mosaico.

Bom, eu os encontrei e provo com a foto que ilustra este artigo! E o que desejei é que todos nós reflitamos sobre o que já nos alertava a cantora Baby Do Brasil: “todo dia, era dia de índio”

Socorro - A Primeira Cittaslow Brasileira

Socorro!

Nem estou pedindo amparo (ops), e sim, parabenizando o município por ser a primeira “CittaSlow” (termo que mescla “cidade”, em italiano, com “sem pressa”. em inglês) brasileira!

Para conquistar este título, outorgado pela ONG da Itália, cada cidade assina o compromisso de promover, dentre cerca de 70 metas:

- a valorização do patrimônio histórico;
- a comercialização de produtos regionais e do artesanato local;
- a preservação dos costumes e das tradições;
- a renovação dos prédios e das casas antigas;
- a criação de eventos culturais;
- a ampliação das áreas verdes e das zonas de pedestres, o investimento em ciclovias e em transportes alternativos;
- a redução do consumo de energia;
- o desenvolvimento ao comércio de proximidade.

Esta filosofia faz parte do “Slow Movement”, proposta mundial que preconiza a vivência do tempo com maior QUALIDADE para tudo e todos, desacelerando o ritmo de vida, valorizando mais os recursos naturais, conciliando com a tecnologia e modernidade.

O conceito “sem pressa” estende-se para inúmeras áreas, inclusive, as Artes.

Se nossa querida Socorro saiu na frente, assumindo-se como “CittaSlow”, por sua vez, Serra Negra entrou no páreo, tornando-se sede da “Slow Art Week Brazil”, que propõe apreciar, sem pressa, cada obra e trocar ideias sobre a experiência, sob a coordenação de um curador ou artista.

Tanto pelo bem-estar dos moradores, quanto em prol do Turismo, o Circuito Das Águas Paulista pode e deve assumir sua vocação de tranquilidade, buscando o equilíbrio entre as tradições e o novo, mantendo um desenvolvimento urbano ecológico e sustentável e conservando nossa identidade cultural.

“O tempo é muito lento para os que esperam,

Muito rápido para os que têm medo

Muito longo para os que lamentam

Muito curto para os que festejam

Mas, para os que amam, o tempo é eterno.”

Trecho do poema: “For Katrina's Sun-Dial”, de Henry Van Dyke

Uma Xícara De Inspiração

Nestes dias, o café voltou à pauta como candidato ao protagonismo turístico de Serra Negra.

Ele mais do que merece. De fato, sem o café, não teria como escrever este artigo. Nem Honoré de Balzac teria completado os mais de 80 volumes da Comédia Humana: fazia questão de comprar pessoalmente sua mistura preferida de grãos

Não eram nas universidades, e sim, nas cafeterias que grandes cientistas debatiam suas teses e escreviam seus livros: Edmond Halley (o astrônomo que nomeia o cometa), Isaac Newton, Adam Smith ("A Riqueza Das Nações"), Voltaire, Rousseau, Montesquieu, entre uma xícara e outra, colaboraram com Diderot para concluir a "Encyclopédie" (integralmente compilada no "Café de la Régence"), a síntese definitiva do pensamento iluminista.

Johann Sebastian Bach compôs a opereta cômica, a "Cantata do Café", contando a história de um pai que tenta fazer com que sua filha não tome café, oferecendo um noivo em troca.

Espertamente, ela inclui uma cláusula no contrato matrimonial que a permite tomar café sempre que quiser.

A Revolução Francesa foi deflagrada no "Café de Foy", onde uma multidão reunida presenciou Camille Desmoulins, que pulou em uma mesa brandindo uma pistola e gritando:

"Às armas, cidadãos! Às armas!".

Os cafés públicos também funcionaram como mercados de ações, a tal ponto de, literalmente, uma cafeteria em Londres adotar o nome de Bolsa de Valores.

A Cafeteria Lloyd’s era o ponto de encontro de donos de navios e agentes que faziam seguro de suas embarcações, nascendo, assim, a “Lloyd’s of London”, a seguradora do mundo.

As cafeterias eram centros de autodidatismo, literatura, filosofia, inovação comercial, agitação política e fonte de notícias. Ou seja, foi a Internet dos iluministas!

“*Café, a bebida sóbria, o poderoso alimento do cérebro, que, ao contrário de outros destilados, eleva a pureza e a lucidez; o café, que remove da imaginação as nuvens e seu peso sombrio e que ilumina a realidade das coisas de repente com o brilho da verdade*”.

Jules Michelet, historiador francês (1798-1874)

Da Vinci E Sua Arte... Culinária!

A vida de artista nunca foi fácil. Até mesmo o imortal Leonardo Da Vinci teve que recorrer a outras fontes de renda.

Graças à sua experiência como cozinheiro da taverna "Três Caracóis", no ano de 1478, montou com Sandro Botticelli (outro pintor genial), o restaurante "As Três Rãs De Sandro e Leonardo".

Talvez por ter nome de dupla sertaneja ou porque ninguém entendia o que estava escrito no menu (esta a mania do Da Vinci de escrever espelhado…), acabou falindo.

Mesmo assim, manteve firme sua paixão pelas artes culinárias e, por mais de 30 anos, chefiou as celebrações e banquetes nas cortes de Milão.

Nem todos sabem, mas, seus famosos manuscritos também contém inúmeras receitas e desenhos de utensílios para cozinha: liquidificador, "buffets" para alimentos, panela de pressão, churrasqueira a lenha (Leonardo, seu vegetariano de araque!), moedor de pimenta, fatiador de ovo a vento e até algumas curiosas regras de etiqueta à mesa:

Não coloque comida mastigada no prato do seu vizinho; saia da mesa para urinar ou vomitar; não esconda comida nas botas; não risque a mesa com a faca; não cuspa perto de você.

Para evitar as manchas de sangue (o único talher era a faca), Da Vinci também criou o "mini garfo de três dentes", pois antes havia somente um enorme na cozinha.

Sua maior frustração no universo gastronômico foi não vingar uma de suas invenções, que, hoje em dia, é muito popular.

Todos usavam diretamente as mãos para levar a comida à boca. Os mais ricos limpavam os dedos no pelo de coelhos, mantidos vivos e amarrados. A maioria esfregava na toalha.

Para evitar isso, Leonardo inventou as “mini toalhas” (a palavra "guardanapo" significa: “salva toalha”), mas, as pessoas usaram ora para sentar em cima, ora para guardar comida e, até para assoar o nariz.

Somente no século seguinte, graças a Catarina de Médici, a nobreza passou a usar garfo e guardanapos.

Se eu fosse o “marketeiro” do Da Vinci, teria sugerido esta “pequena” alteração em sua obra prima, que, certamente teria acelerado a popularização de seu invento!

Filhos Da Mãe

A data comemorativa é estratégia comercial, porém, o culto a uma figura feminina acolhedora, que nutre, ama, protege, perdoa e nos acode, este sim é universal.

Isis (Egito), Shakti (Índia), Deméter, Gaia, Héstia (Grécia), Nanã (Suméria), dentre incontáveis divindades, refletem a memória ancestral da humanidade, reprisando padrões universais (arquétipos) do culto à Grande Mãe.

Até mesmo as correntes religiosas monoteístas e patriarcais se viram obrigadas a incluir o feminino em suas tradições.

De Constantinopla, os Cruzados trouxeram inúmeras estátuas (origem das "aparecidas") e pinturas de madonas divinas que se tornaram relíquias sagradas e pontos focais de orações.

O catolicismo se rendeu a Maria, a quem os devotos recorrem com pedidos que somente quem é MÃE poderia atender.

Eis a razão de ser de uma se suas variantes, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (seu nome já diz tudo), a qual, assim como a Nossa Senhora do Monte Carlo (mãe da Polônia), ganharam o mundo nas pinturas de São Lucas (meu colega terapeuta e artista plástico).

Sejam mesmo as originais "pintadas por Lucas nas madeiras da mesa da Santa Ceia", sejam releituras de pintores anônimos, para estas telas foram erguidos santuários que recebiam romarias de "filhos" em busca de piedade e redenção.

Uma interessante história conta que, nos idos do Século XV, a pintura do Perpétuo Socorro

foi roubada e, mesmo raptada, ela é quem salvou, milagrosamente, o navio que a levava, que estava naufragando.

O larápio se apegou à tela, tanto que somente no leito de morte, suplicou que ela fosse devolvida à igreja.

Esse desejo só foi cumprido muitas décadas depois, e, ainda assim, só porque a santa apareceu para uma menina, dizendo exatamente em qual igreja a pintura deveria ser entregue.

Lá permaneceu por 300 anos, voltando a desaparecer e reaparecer através dos tempos, até chegar em sua morada definitiva, a Igreja de Santo Afonso.

Como em coração de mãe sempre cabe mais um, a santa ainda arrumou tempo de adotar uma cidade, aqui mesmo, no nosso Circuito das Águas!

Tricocheteando

Seja utilizando ganchos ("crochet", em francês), ou varetas/agulhas ("tricot", outra palavra francesa), entrelaçar fios acompanha a humanidade faz milênios e sua real origem é incerta.

Já foram encontradas, preservadas, obras sofisticadas, como bonecas chinesas e ornamentos tribais peruanos, em crochê, que datam mais de 2 mil anos, até par de meias egípcias tricotadas em algodão, do século 11.

Na Grécia antiga, o épico "Odisseia" nos apresenta a Penélope, que tricota de dia e desfaz à noite, adiando o prazo para casar, na esperança que Ulisses volte de Tróia.

Datando 1275, foram encontradas na Europa, capas de travesseiro, em tricô, no túmulo do príncipe Fernando de La Cerda.

Naquela época, eram técnicas restritas à igreja e à nobreza, só vindo a se popularizar 400 anos depois.

Durante as guerras mundiais, tricotar chegou a ser um ato patriótico com o objetivo de aquecer os soldados, passando a ser incentivado e ensinado nas escolas.

No século 20, graças a grandes estilistas como Schiaparelli, Rykiel e Chanel, ocorreu o "empoderamento fashion" do tricô, conquistando musas como Audrey Hepburn, Brigitte Bardot e Catherine Deneuve e as passarelas do mundo todo.

Nos anos 80 e 90, o "surto" de tricô industrial, sem preocupação com "design", o colocou na "lista negra" da moda.

Este “status” é revertido em nossos dias, com marcas de renome revalorizando versões luxuosas e artesanais.

A migração italiana trouxe esta Arte para nossas terras e, ainda que muito forte em Monte Sião, a prática conquistou toda a região.

Lembro de minha avó Emma, nascida em Amparo, que jamais desperdiçou nenhum tecido: roupas e meias rasgadas, panos esfarrapados, enfim, tudo era unido em grossos fios que, juntos a retalhos, milagrosamente, se transformavam em tapetes e colchas.

Recordo de minha tia Arthema e prima Vera, que nos bancos da praça de Serra Negra, com suas varinhas mágicas, criavam casacos e cachecóis, vendo a Banda Lira passar, cantando coisas de amor.

Por tudo isso, tenho que agradecer e parabenizar aos “Quadradinhos de Amor” pela nostálgica experiência de transitar por suas obras de arte e de caridade (irão para doação aos necessitados).

Passear descalço, sobre tanto amor, não tem preço!

Eclipsaram O Eclipse

São Pedro (ou teria sido a deusa tupi Amanaci?) encobriu os céus com pesadas nuvens e não nos deixou assistir ao recente eclipse lunar.

Hoje em dia, este tipo de evento é bastante apreciado, porém, na antiguidade, era tido como mau agouro, pois ou o Sol, ou a Lua estariam sendo devorados por alguma criatura mística.

A reação mais comum era fazer o máximo de barulho possível, para que parassem logo!

Na Índia, era a cabeça imortal do demônio Rahu que os engole, mas, como não tem corpo, escapam por baixo; para os vikings, um par de lobos eram os esfomeados; no Vietnã, o devorador de astros era um sapo; na China, um dragão; na Coréia, eram cachorros brincando.

Contrariando a maioria, algumas culturas como a dos Navajos e de certas tribos do Taiti e da África interpretam os eclipses como estando os deuses solares e lunares brigando ou namorando entre si.

No Brasil, temos ambas as versões! Em uma delas, ora irmãos homens, ora casal, Sol e Lua estão lutando, devendo ser apartados com “panelaços”, tambores e flechadas.

Já outro mito tupi-guarani culpa a Juma, ops, a Xivi, uma onça celestial, que persegue e devora os astros irmãos.

Uma variante desta história conta que tudo começou com uma briga de pescaria entre o espírito Charia (que viria a ser o jaguar devorador celeste) e os irmãos Sol e Lua.

A cor avermelhada de certos fenômenos lunares é o sangue que transborda destas batalhas e de outras histórias.

Uma das “fofocas” do “Olimpo Tupiniquim” diz que o Lua (era masculino) sangrou das flechadas que levou enquanto fugia dos flagrantes de suas desventuras amorosas.

Os Paracanãs, da região entre Xingu e Tocantins, nos contam que, originalmente, eram os homens que menstruavam!

Isso mudou quando um herói mitológico fez uma ponte do chão até o céu, fixando-a com flechas na Lua, cujas gotas de sangue caíram sobre as mulheres da tribo, que tomaram para si a função.

Por essas e por outras é que, não só no Brasil, como em diversas culturas, sempre evitam a exposição à “lua de sangue": vai que “destroca”!

Guerreiras Sobrecarregadas

A "glamourização" da maternidade adjetiva mulheres como “guerreiras”, camuflando o fato de que a jornada é estressante e afeta sua saúde.

A **Campanha Maio Furta-Cor** visa sensibilizar a população para a causa da saúde mental materna.

Neste domingo recente, as mães de Serra Negra realizaram uma marcha, encerrando com dança circular, yôga, jiu-jitsu, palestras e orientações sobre vacinação.

Compartilho com os leitores a esclarecedora conversa que tive com a organizadora da campanha serrana e presidente do Fundo Social de Solidariedade, Deborah Chedid:

Henrique: O que lhe inspirou a promover a Campanha Maio Furta-Cor?

Deborah Chedid: Dar voz às mulheres e atender às suas necessidades e anseios. Além do bem estar da família em geral. Precisamos buscar meios de proteger a mulher e ao mesmo tempo fazer com que ela ocupe seu espaço de fato. Muito se fala, mas a realidade ainda nos mostra que o preconceito se faz presente. Para sermos tratadas com igualdade, precisamos ser vistas e respeitadas dessa forma. Caminho nesse sentido. Não somos mais nem menos, somos todos seres humanos.

Henrique: Qual a importância desta Campanha para Serra Negra?

Deborah Chedid: Essa é uma campanha mundial e nossa cidade precisa estar inserida em tudo que nos trará benefícios. Crescer como pessoa sempre é uma boa causa

Henrique: Existe alguma estatística ou dados, ainda que extra oficiais, dos efeitos da pandemia na saúde das mães em nossa cidade?

Deborah Chedid: Não tenho números. Mas posso lhe dizer que as mães foram afetadas diretamente. São as mulheres, em sua maioria que ficam com os filhos, fazem o trabalho de casa e ainda trabalham fora. Com a pandemia, muitas perderam seus empregos e passaram a ficar em casa buscando algo para ter uma fonte de renda. Além do trabalho em si, sem descanso semanal e ininterrupto, a preocupação com a saúde de todos e as incertezas financeiras trouxeram agravamento de problemas emocionais . Aí entra o papel de todos da família para que se possa dividir as tarefas e as responsabilidades. Dessa forma, estaremos também cuidando da saúde mental de todos.

Henrique: Para o restante do ano, existe alguma programação específica em continuidade à proposta da Campanha Maio Furta-Cor?

Deborah Chedid: Sim, iremos promover vários encontros e palestras. Além das atividades que já existem no CRAS e CREAS e Fundo Social. Nosso intuito é trabalhar toda família para promover o bem estar de todos.

Henrique: O que mais gostaria que nossos leitores saibam sobre este tema?

Deborah Chedid: Essa é mais uma forma de buscarmos o acolhimento daqueles que mais precisam de nós. Falamos hoje das mulheres , mas nosso trabalho é o bem estar de toda família. Se o pai e a mãe estão bem, seus filhos também estarão. Uma família estruturada tem mais condições de encaminhar seus filhos.

É isso que buscamos, uma estrutura familiar saudável para que o futuro seja melhor para todos nós.

Formação de Quadrilha: "C'est Très Chic!"

De Norte a Sul do país, a formação de quadrilhas prolifera. Não raro, envolve armas, polícia e até padre coagindo jovens casais grávidos ao matrimônio! E o povo em volta ainda dança!

É um tal de um surrupiar do outro! Tudo começou faz muito tempo, com as celebrações pagãs de primavera e verão, onde deusas como Deméter e Perséfone foram expulsas de suas terras pelos publicitários do Vaticano, que deram posse a São João, Santo Antônio e São Pedro.

O modus operandis das coreografias teve início nas classes operárias inglesas do século 13, logo usurpadas pela aristocracia francesa, que formou suas “quadrilles” (dança com quatro casais).

Mas, logo o povo tomou de volta para si e, no século 16, o Brasil herdou este bailado dos portugueses saudosos da sua Europa.

Assim como o nosso pão “francês” nasceu de uma tentativa de recriar as baguetes e “croissants”, certos comandos para os dançarinos são em “matutês” (cruzamento de línguas portuguesa, tupi e francês).

E até nossos dias, os quadrilheiros obedecem, mesmo sem entender nada, ao marcador que anuncia os passos: “balancê”, “anavantur” (avant tout - começando), “anarriê” (derrière - para trás), “travessê” (traverser - atravessar), “changê” (changer - trocar), “retournê”, “retirê”, “zéfini” (c`est fini - terminou).

É tanta gatunagem que até Santo Antônio passou a perna em São Valentim, tomando dele o Dia Dos Namorados, aqui no Brasil!

Nem os chineses escaparam: tomamos deles os fogos de artifício para afugentar os maus espíritos de nossas quermesses (que surrupiamos do francês kermesse, que já tinha sido larapiado da língua flamenga (“kerk”=igreja; “messe”=feira: "feira de igreja").

Estava aqui, matutando (do latim: “matta” = que vem da mata) que não tem mais como impedir tamanho sincretismo em nestas festas, que antes eram “joaninas” (de São João), mas, depois, a deusa romana Juno tomou de volta, disfarçando que era por ser no mês de junho.

Como caipira (do tupi: “kaa-póra” = habitante das matas) malandro que sou, vou me render a estas quadrilhas.

Afinal, todas são “très chic no úrtimo”!

O Inverno Está Chegando

Não era apenas no seriado “Game Of Thrones" que a frase acima apavorava a todos.

Na antiguidade européia, sobreviver ao período de frio era um desafio intenso.

Afinal, a deusa Perséfone ainda estava no submundo, com seu marido Hades e só quando voltasse à superfície é que traria consigo a primavera.

Também culpavam sua irmã, a deusa Despina: negligenciada desde o nascimento, se vinga nas águas tão queridas por seu pai, Poseidon e na vegetação, obra-prima de sua mãe, Deméter, congelando tudo!

Seu nome grego era sinônimo de inverno e, para ficar ainda mais gelado, casou-se com Bóreas (deus do vento norte, da aurora boreal) e há quem diga que tiveram um filho, cujo nome, Kryos, significa… frio!

A Frozen, da Disney, é uma singela amadora perto dela!

Nada como um século após o outro: antes tão temida e desprezada, mas, agora, os empreendedores aqui da região aguardam ansiosamente a volta da Despina!

Tanto é que convidaram ela e a família para soprar por aqui (de leve, claro…) e, com isso, ironicamente, aquecer o mercado turístico.

Multidões de apaixonados por temperaturas mais baixas passeiam por nossas montanhas, em merecidas férias.

Apreciam cafés e chocolates quentes, massas em molhos fervilhando, guloseimas com calorias mil e os pores-do-sol mais incríveis que só no inverno que a deusa/ninfa Hespéra consegue carregar com tantas cores ardentes e vívidas!

Aproveitem! Mesmo assim, muita atenção, pois, o que diferencia inverno de inferno é apenas uma letra, fácil de digitar errado se não cuidarmos de nossa saúde: agasalhem-se, bebam água da fonte e caminhem bastante por nossas montanhas!

E seja bem-vinda, minha cara Despina!

As Fúrias Visitaram Nossa Cidade

Os gregos as chamavam de Erínias, enquanto os romanos as conheciam como Fúrias: as irmãs Alecto (raiva), Megera (ciúme e inveja) e Tisífone (destruição vingativa).

Punir os mortais por seus crimes era sua missão. Entretanto, a definição do que é justo e certo evolui (ou deveria…) com o progresso das sociedades.

Em Roma antiga, os tribunais eram procurados mais pelos acusados do que pelas vítimas, pois estas podiam punir diretamente, com as bênçãos das Fúrias.

Claro que, justiça pelas próprias mãos tende a dar muito errado. Édipo quase não consegue se redimir junto às Erínias, custando a justificar que não sabia que o homem que matou era seu próprio pai.

Ao que parece, as irmãs justiceiras visitaram Serra Negra, neste fim de semana!

Claro que as fontes (não de água, de informações…) não são confiáveis, pois são vídeos disponibilizados em redes sociais. Na verdade, torço e muito para que seja "fake news": no Centro de Convenções, atropelaram a mala de entregas de um motoboy e, ao invés do esperado pedido de desculpas e reparações, seguiram insultos e ameaças à vítima.

É bom lembrar que, os entregadores, antes tido como “vilões” (estereotipados como barulhentos e usuários de direção perigosa), se tornaram heróis, por serviços prestados nesta época de pandemia.

Contudo, a história que ora conto ocorreu bem no dia em que as irmãs vingadoras visitaram nossa cidade e, daí, as imagens mostram mais de uma dezena de motos cercando a casa que acreditam ser do atropelador, com buzinaços, roncos de motores e trancos nos portões.

Com os ânimos exaltados, transitar do papel de vítima para o de agressor (e vice-versa) tende a acontecer.

Por isso, tomei a liberdade de enviar um e-mail ao Olimpo, pedindo que a Deusa da Justiça, Thêmis, abra os olhos para nossa terra e que, antes de brandir sua espada, primeiro pesar bem em sua balança as razões (ou falta destas…) de cada lado.

Também tive uma conversinha particular com as Fúrias: elas bem sabem que eu as compreendo perfeitamente, mas, implorei para darem uma trégua.

Para garantir, passei um “whatsapp” para Athena, deusa da sabedoria, convidando a passar uma temporada por aqui, fazendo questão que sua filha, Irene (Pax, a deusa da paz), também venha!

MultiplicARTE

Primeiro, minhas sinceras desculpas, pois fraguei minha injustiça ao estranhar os rostos angelicais quando visitei a “Exposição Fontana Di Trevi Em Serra Negra".

Esperava uma réplica (cópia idêntica) do monumento italiano, sendo que lá estava algo de maior valor artístico: uma releitura, ou seja, um novo original, em que os artistas esculpiram sua própria versão da obra, com seus toques e estilos pessoais.

A grande maioria sabe apreciar artistas e bandas “cover” (palavra inglesa, mas de origem francesa - “couvert”: “cobertura de mesa”, “aperitivo”).

Afinal, de que outra forma a praça, que é nossa e nos dá alegria, conseguiria as presenças de Freddie Mercury, Rita Lee, Tim Maia, Legião Urbana, dentre outros?

Se no campo musical a aceitação é pacífica, no que se refere a esculturas históricas, a polêmica é grande.

Por exemplo, o Egito e a UNESCO consideraram a cópia chinesa, em tamanho real, da Esfinge de Gizé, como uma ofensa ao patrimônio histórico e cultural.

Para as famosas réplicas de monumentos em Las Vegas, costumam aplicar um adjetivo de origem alemã: “kitsch” (“brega”).

O filósofo Friedrich Nietzsche considerou que este tipo de vulgarização estimulou a mediocridade. Já seu colega inglês, Roger Scruton, chamou o fenômeno de “Disneyficação da arte”.

Sinceramente, vejo um certo “ranço elitista” neste tipo de crítica.

Afinal, as reproduções e adaptações de obras de grandes mestres podem trazer ao público a oportunidade de experiências imersivas nas artes, com emoções que antes só estavam disponíveis a “bolsos” com maior poder aquisitivo.

Quem garante que todo visitante do Louvre, observando a Mona Lisa, ofuscada por um grosso vidro protetor, acotovelado por centenas de pessoas, sairá com sua alma mais esclarecida do que a pessoa que aprecia um pôster da mesma Gioconda, na tranquilidade do lar?

Considerando os prós e contras acima, acredito que a réplica da Fontana di Trevi será bem-vinda.

Afinal, aqui no Circuito das Águas, já apreciamos as nossas estátuas do Cristo Redentor, todas reproduções da original carioca e, nem por isso, menos queridas.

Mandalas: Do Tibete Até Serra Negra

Passando pela escadaria da Rua José Rielli me surpreendi com o lindo mural sendo pintado.

Uma bela mandala (“círculo da essência”, em sânscrito) se formava na parede, trazendo cultura e arte àquele caminho.

Comumente associadas ao budismo e ao hinduísmo como guias para meditação, na verdade, as mandalas existem em todas as culturas.

Inclusive, a cristã: basta observarmos as rosetas das catedrais góticas e os “tapetes” da Semana Santa: feitos com serragem colorida, suas lindas imagens são criadas já sabendo que serão desmanchadas logo a seguir.

Paralelos a esta tradição do cristianismo, os monges tibetanos usam areia de várias cores para compor maravilhosas artes, tão somente para desfazê-las assim que as terminam.

Complementam o ritual distribuindo parte da areia ao público e parte lançada aos rios, para semear as bênçãos pelo mundo.

Além do exercício meditativo nas horas dedicadas para fazer a mandala, o ato de desfazê-las é um treino ao desapego material.

Todo artista de murais e grafites também tem que ter uma boa dose de desprendimento, pois bem sabe que a chuva, o vento e o tempo em breve apagarão todo o seu trabalho.

Ao invés de tristeza, devem alegrar-se que aquela obra já cumpriu seu papel, emocionando aos que a contemplaram e que se abre a oportunidade para novas artes e novos artistas compartilharem aquele espaço.

Quem ganha é o público com a certeza de que sempre haverá uma nova imagem a aquecer seus corações.

E por falar aquecer, nem só de círculos são feitas as mandalas: os Quadradinhos do Amor são exemplos perfeitos! Seus tricôs e crochês, de cores vibrantes e padrões em repetição, as classificam como tais!

Enquanto permanecem em exposição, estas mantas são pura arte “temporária”, e, ao invés de serem desmanchadas, se tornam eternas ao trazer calor, humano e físico, aos que mais necessitam.

Beco Das Artes

Quase ninguém reconhece estes estádios de futebol: Neo Química Arena, Cícero Pompeu de Toledo e Paulo Machado de Carvalho. Porém, se usarmos seus nomes populares, a coisa muda de figura: Itaquerão, Morumbi e Pacaembú.

Muitas vezes, os apelidos se tornam mais relevantes que o nome documental.

Creio que isso irá ocorrer aqui em Serra Negra: o Espaço Menino Jesus de Praga será mais conhecido como Beco das Artes!

E merecidamente: durante o Festival de Inverno, o local recebe, a cada final de semana, exposições gratuitas de artistas locais e oportunidades de adquirir obras de arte e artesanato.

Agora, chegou a minha vez, com a Exposição Asas Na Arte. Já confirmaram presença a Esfinge, o Dragão e milhares de Tsurus (pássaros sagrados), sejam nas pinturas com suas deusas e lendas, como também em esculturas estilo origami (dobraduras de papel).

Estas artes já abriram suas asas em exposições em Miami, Nova York, Paris, Turim, Liechtenstein... E nem me levaram junto, estas filhas desnaturadas! De tanto voar pelo mundo, algumas dessas obras apresentam pequenas marcas.

Aí entra outra característica que deve virar tradição no Beco Das Artes: a pechincha! Por sinal, teremos também quadros decorativos e gravuras em menor escala das telas, que são bem mais em conta. Afinal, democratizar o acesso à arte é essencial.

É muito importante o resgate e ocupação artística daquele espaço cultural. Localizado na rua mais movimentada, com fácil acesso e grande circulação de turistas e serranos, o Beco das Artes tem tudo para se tornar mais um ponto turístico de sucesso.

O mesmo podemos dizer do Mercado Cultural, cuja atividade artística ainda está abaixo do seu potencial.

É louvável a iniciativa no Centro de Convenções, que, todo sábado, conta com o evento gratuito "Piano e Artes Plásticas", com obras de artistas serranos e música ao vivo.

Pouco a pouco, Serra Negra está acordando para o seu potencial cultural!

Convido você a visitar a "Exposição Asas Na Arte", nem que seja para tirar uma divertida "selfie" com nossas asas!

Comprar Sorvete Ou Uma Obra De Arte?

Este final de semana, convivi com um público eclético que visitou nossa exposição, ao lado de uma sorveteria.

Como psicoterapeuta, o comportamento humano me fascina e me entreti especulando se percebiam que a casquinha de gelato estava mais cara do que as obras de arte.

Para defender esta tese, recorro ao seguinte exemplo, apresentado, por um famoso economista:

Qual é mais cara: uma roupa de qualidade mediana de R$20 ou uma de bom acabamento, por R$100? Divida pelo número de vezes que irá utilizá-las. A primeira, você vai usar umas 4 vezes até ela desbotar, enquanto a outra, de boa qualidade e atemporal, irá vestir umas 100 vezes. Na "ponta do lápis", a que parecia "mais em conta", na verdade, custou $5 cada vez que a vestiu, enquanto a outra, que parecia "mais cara", custou apenas $1! Cinco vezes menos!

Bem, as pinturas, que tem valor de mercado de mais de 500 sorvetes, estavam por apenas 100 gelatos: uma pechincha bem dentro do espírito do Beco Das Artes!

Digamos que você consuma a centena de sorvetes em cerca de 3 meses. Já uma gravura acrílica será admirada por mais de 500 anos, ou seja, 6 mil meses.

Obras de arte são aceitas como bens a penhora, como garantia de empréstimos e equivalem a um investimento financeiro que rende de 8% (Mei Moses Art Index) a 52% (Brazil Golden

Art – BGA Fundo de Investimentos) e ficam de heranças para as filhos, netos e bisnetos.

Já os picolés… rendem algumas calorias e são refrescantes!

Bom, já vimos que as artes têm muitas vantagens. Então, por que não comprá-las ou ao menos visitá-las?

Eis a tese do livro “Quem Tem Medo da Arte Contemporânea?": “Muitos. A maioria diz não entendê-la, por achá-la estranha”. Bem, se tivessem visitado a Exposição Asas Na Arte, mudariam de opinião!

Até mesmo das simpáticas recepcionistas teve gente com “medo”: ao oferecerem pequenos origamis (mini esculturas feitas com dobraduras de papel) e convidarem para visitar e tirar fotos com asas, muitos pensaram que seria cobrado!

Em compensação, quando relaxavam, tivemos lindos sorrisos, momentos felizes e dezenas de “selfies”!

Enfim, enquanto tomo minha casquinha de pistache, deixo vocês com a máxima do lendário colecionador Raul Forbes, ex-proprietário do "Abaporu", de Tarsila do Amaral: “Eu nunca comprei arte como investimento, mas foi o melhor investimento que eu fiz.”

Piano E Caipora

Em 17 de Julho é comemorado o Dia de Proteção às Florestas, tendo o Curupira como garoto propaganda oficial, em reconhecimento aos seus bons serviços ao proteger os animais e as matas de nosso Brasil.

Ao contrário de Chico Mendes, da missionária Dorothy Stang e de mais de 300 ativistas (relatório da Human Rights Watch), o Curupira leva vantagem, já que não pode ser morto, nem mesmo a tiros.

E ele nem está muito bem acompanhado nesta missão, pois existe uma versão feminina, que por sinal, eu sou fã: a Caipora.

Seu nome tem origem na língua tupi: “kaa-póra” (habitante das matas), um ente fantástico que protege a natureza, em especial, os animais.

É semelhante às deusas céltica Arduinna e nórdica Freya (todas igualmente acompanhadas por um porco selvagem) e das grego-romanas Ártemis/Diana.

Enquanto suas primas europeias são pintadas pelos grandes mestres da pintura e literatura e cunhadas em moedas, a nossa Curupira é caluniada como suscetível a ser subornada com fumo!

Tem razão, **Nelson Rodrigues**:

“*Por complexo de vira-lata, entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo.*

O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima".

Conheço bem a Caipora e posso dizer que, na verdade, seu gosto é bem mais refinado: ela gosta mesmo é de música ao piano!

Duvida? Então, pergunte diretamente, pois ela está aqui em Serra Negra, durante o Festival de Inverno, todo sábado, no Centro de Convenções:

"Piano E Artes Plásticas", dias 23 e 30/07, das 19 às 20hs.

Por sinal, a Caipora está muito bem acompanhada por outras pinturas de minha autoria e belíssimas obras de grandes artistas da região.

A entrada é franca e todos os leitores estão convidados!

Um Beijo Para O Gordo

Muitos conhecem Jô Soares por seu pioneiro (no Brasil), muito imitado e jamais equiparado, programa de entrevistas.

Ser entrevistado por ele era uma honra e sou feliz por ter sido um dos que compartilharam o palco com ele.

O que os mais jovens perderam de conhecer foi outra de suas grandes habilidades, no tempo em que os humoristas eram atores, redatores e até cantores, estando em pé de igualdade com Chico Anysio no quesito de qualidade e quantidade.

Jô interpretou mais de 200 personagens e popularizou uma infinidade de bordões. Se fosse listar todos, nem caberiam nesta edição!

Por isso, vou focar no primeiro que conheci: o mordomo Gordon, do humorístico “Família Trapo”, do qual foi um dos criadores e roteiristas.

O palco de dois andares apresentava, com a presença de auditório, histórias em torno das trapalhadas e golpes de “Carlos Bronco Dinossauro”, o eterno “cunhado” interpretado por Ronald Golias, um malandro que vivia às custas do casal interpretado por Otello Zeloni e Renata Fronzi.

Apresentado ao vivo no Teatro Record, entre 1967 e 1971, contava com a participação de convidados especiais e muita improvisação. Esta mesma fórmula continua válida até nossos dias: “A Grande Família”, “Sai De Baixo”, “Toma Lá, Dá Cá”, “Vai Que Cola” são bons exemplos.

Ainda que não intencionalmente, Jô Soares contribuiu para diminuir a gordofobia, transmitindo sempre uma imagem positiva de seu biotipo: "O humor foi a minha maneira de ser diferente em vez de ser diferente pelo fato de ser gordo", disse ele em uma reportagem.

Desde a escolha de nomes de personagem (Gordon...), de seu programa mais popular (Viva O Gordo) e até o principal bordão de seu "talkshow" (Beijo do Gordo), estar acima do peso era só mais um recurso e nem foi impedimento a atuar com personagens que exigiam flexibilidade e resistência físicas.

Em suma, um grande (ops) ser humano, que precisou de um volumoso corpo para comportar a enormidade de sua erudição e humor.

Esteja onde estiver, receba, de todos nós, um beijo "pro" Gordo!

Sobre O Autor

Henrique Vieira Filho é artista plástico, agente cultural (SNIIC: AG-207516), produtor cultural no Ponto de Cultura “Sociedade Das Artes” (SNIIC: SP-21915), diretor de arte (MTE 0058368/SP), produtor audiovisual (ANCINE: 49361), escritor, jornalista (MTE 080467/SP), educador físico (CREF 040237-P/SP), psicanalista, sociólogo (MTE 0002467/SP), professor de artes visuais, pós-graduado em psicanálise e em perícia técnica sobre artes.

Contando com mais de 80 exposições entre individuais e coletivas, em galerias, polos culturais e museus em diversos países, suas obras estão disponíveis tanto em galerias consagradas, como a **Saatchi Art**, quanto em sua galeria própria, a **Sociedade Das Artes**, até os mais singelos espaços alternativos.

Atualmente radicado no interior de SP, dedica-se, em especial, ao **Slow Art Movement**, que prega a apreciação afetiva, “sem pressa” das artes, para todas as camadas da sociedade e ao **Projeto Re Arte**, em que abre espaço a novos talentos artísticos e à integração das mais diversas formas de artes, por meio de mixagem e releituras.

Editor, autor, pesquisador e parecerista nos periódicos **Artivismo** (ISSN 2763-6062), **Revista TH** (ISSN 2763-5570) e **Holística** (ISSN 2763-7743), conta com centenas de artigos

publicados e vinte livros, além de colaborações, entrevistas e consultorias para Jornal da Tarde, O Estado de São Paulo, Diário Popular, Jornal O Serrano, Revista Elle, Revista Claudia, Revista Máxima, Revista Veja, Revista Planeta, Revista Capricho, Revista Contigo, Revista Saúde, Revista Boa Forma, Rádio Globo, Rádio Gazeta, Rádio Eldorado, Rádio Nova, TV Globo (Jornal Nacional, Bom Dia Brasil, Fantástico, etc.), TV Gazeta (Telejornal, Mulheres, Manhã na Paulista), TV Record, SBT (Telejornal, Jô Soares Onze e Meia, etc.), TV Jovem Pan (Telejornal, Opinião Livre, etc.), TV Cultura, TV Bandeirantes, Rede Mulher, TV Rio.

Nas **Artes**, é autodidata e seu estilo poderia ser classificado como surrealismo figurativo. Sua experiência de décadas como terapeuta, em especial, com a **Psicanálise / Psicoterapia Junguiana**, lhe possibilita uma familiaridade ímpar com a mitologia e as imagens oníricas, sempre presentes em suas pinturas e fotografias.

Seu trabalho artístico se destaca no cenário contemporâneo ao questionar a posse cultural, o tempo e fronteiras, compartilhando culturas, miscigenando tradições, etnias e gêneros, em suas telas.

Enquanto gravurista, é ativista na adoção dos pincéis digitais, das matrizes eletrônicas em substituição às de madeira, pedra e metal e o entintar ecológico por técnicas mistas de tecnologia e intervenções manuais.

Escultor experimental, inovou ao transformar telas e fotografias em objetos de artes tridimensionais, resinando-as parcialmente para serem modeladas via técnicas similares às dos origamis.

Bastante solicitado como retratista, diferencia-se por valorizar a experiência de arte em si, tanto quanto a obra final. Ao incluir a participação do homenageado em seu processo criativo, que envolve fotografia, cenografia, psicodramatização, figurinos, pinturas corporais, mesclados em exercícios lúdicos, acrescenta às telas valores emocionais que transcendem a apreciação puramente técnica.

Na **Terapia Holística,** Henrique Vieira Filho atuou como jornalista e terapeuta que se dedicou por mais de 25 anos à normalização da profissão, gerenciando entidades como o SINTE - Sindicato dos Terapeutas (sindicato), CRT - Conselho de Auto Regulamentação da Terapia Holística (ONG), dentre outras.

Defensor da auto regulamentação profissional, onde as próprias categorias desenvolvem suas regras técnicas e éticas, elaborou as Normas Técnicas Setoriais Voluntárias da Terapia Holística (Código de Ética, incluso).

Responsável direto pela implantação da **Residência em Terapia Holística no Serviço Público de Saúde em 09 cidades** (em SP, MG e

SC), comandou as equipes para atendimento OFICIAL e gratuito à população com **ARTETERAPIA, psicanálise**, acupuntura, terapia floral, yoga, tai-chi-chuan, cromoterapia, fitoterapia, dentre muitas outras técnicas.

Exposições e vernissages:

Slow Art Day Brazil 2024 - abril de 2024 - Palácio Primavera - Serra Negra - SP - Brasil

Inauguração da 1a Residência Artística do Circuito Das Águas - março de 2024 - Sociedade Das Artes - Serra Negra - SP - Brasil

Exposição em Homenagem ao Centenário de Cid Serra Negra - Cem Anos Do Artista Que Levou O Saci Para A Igreja - janeiro de 2024 - Mercado Cultural - Serra Negra – SP - Brasil

Arte Natalina e o Renascimento da Vida: Uma Exposição de União e Paz - Museu Municipal de Socorro "Dr. João Baptista Gomes Ferraz" - dezembro de 2023 - Socorro - SP - Brasil

Raízes e Cores: Expressões Afro-Brasileiras na Arte Contemporânea - novembro de 2023 - Mercado Cultural - Serra Negra – SP - Brasil

MITC 2023 - Mostra Internacional Totem das Cores / International Totem of Colors - Museu Municipal de Socorro "Dr. João Baptista Gomes Ferraz" - setembro de 2023 - Socorro - SP - Brasil

Artem Erga Omnes (Arte Para Todos) - agosto de 2023 - Salão do Fórum - Serra Negra - SP - Brasil

Direito À Arte - junho de 2023 - Salão do Fórum - Serra Negra - SP - Brasil

Asas Do Desejo - julho de 2023 - Beco Das Artes - Serra Negra – SP - Brasil

Slow Art Day Brazil 2023 - abril de 2023 - Sociedade Das Artes - Serra Negra - SP - Brasil

CittaSlow Art - setembro de 2022 - Parque Da Cidade " João Orlandi Pagliusi" - Socorro - SP - Brasil

Asas Na Arte 2022 - julho de 2022 - Beco Das Artes - Serra Negra – SP - Brasil

Piano E Artes Plásticas - julho de 2022 - Centro de Convenções Circuito das Águas - Serra Negra – SP - Brasil

Slow Art Week Brazil 2022 - abril de 2022 - Sociedade Das Artes - Serra Negra - SP - Brasil

Exposição “Dança Das Cores” - novembro de 2021 - Centro de Convenções Circuito das Águas - Serra Negra – SP - Brasil

Homenagem Ao Dia Da Consciência Negra - Exposição “Diversidade” - novembro de 2021 - Mercado Cultural - Serra Negra – SP - Brasil

Exposição Coletiva “Entre Molduras” - setembro de 2021 - Mercado Cultural - Serra Negra – SP - Brasil

Projeto Re Arte - Circuito Das Águas - novembro de 2020 - Centro de Convenções Circuito das Águas - Serra Negra – SP - Brasil

Exposição Diversidade – Dia Da Consciência Negra - novembro de 2020 - Galeria Sociedade Das Artes - Serra Negra – SP - Brasil

Exposição "Janelas dos Brasil" - julho de 2020 - Galeria Municipal Tony Vitorino - Vieira de Leiria - Portugal

Slow Art Day Brazil - abril de 2020 - Galeria HVF Artes - Versão Virtual - São Paulo, SP, Brasil

Projeto Re Arte - Releituras Coletivas - novembro de 2019 - Galeria Sociedade Das Artes - São Paulo - SP - Brasil

Anuário de Artes - outubro de 2019 - Luxus Magazine - São Paulo, SP, Brasil

Lateinamerikanisches - Kunstfestival / Kunst am Sonntag in Wien - setembro / outubro 2019 - Nui Art Gallery - Viena - Áustria

Brazil Calling - setembro de 2019 - Nui Art Gallery - Barcelona - Espanha

Pocket Exhibition Peace Spring - setembro de 2019 - Galeria Sociedade Das Artes - São Paulo - SP - Brasil

Pocket Exhibition “Folk Arts” - agosto de 2019 - Galeria Sociedade das Artes - São Paulo, SP, Brasil

Exhibition "Framing Reality” - maio de 2019 - Saphira & Ventura Gallery - New York - USA

Slow Art Week Brazil - abril de 2019 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

Circuito Europeu 2019 - Março / Abril 2019 - Amsterdam, Londres, Genebra, Cascais

Pocket Exhibition “He For She Art Week Brazil” - março de 2019 - Galeria Sociedade Das Artes - São Paulo, SP, Brasil

Exhibition "Framing Reality” - maio de 2019 - Saphira & Ventura Gallery - New York - USA

Exhibition “Contemporary Connections” - janeiro a fevereiro de 2019 - Saphira & Ventura Gallery - New York - USA

9a Arte No Fórum - Espaço Cultural do Fórum OAB Jabaquara - Janeiro a Março de 2019 - São Paulo, SP, Brasil

Projeto Re Arte - Releituras Coletivas - dezembro de 2018 - Galeria Sociedade Das Artes - São Paulo - SP - Brasil

Exhibition “New York - Torino” - novembro de 2018 - Museo MIIT Torino (Museo Internazionale Italia Arte) - Turim – Itália

Exhibition “New York - Paris” - outubro de 2018 - New York International Contemporary Art Society - Galerie Artitude Art Contemporain - Paris – França

Especial Design Weekend - DW - Semana de Design de São Paulo - Agosto / Setembro de 2018 - Saphira & Ventura Gallery - São Paulo - SP - Brasil

International Salon of Contemporary & Urban Art 2018 - julho a agosto de 2018 - New York International Contemporary Art Society And The New York Pro Art Society Museum - New York - USA

Exhibition “Ego, Oblivion & Connection” - julho a agosto de 2018 - Saphira & Ventura Gallery - New York - USA

110 Mil Tsurus - junho de 2018 - Galeria HVFArtes - São Paulo - SP - Brasil

A Arte Como Terapia - maio de 2018 - Saphira & Ventura Gallery - São Paulo - SP - Brasil

Brazilian Art Exhibition Vienna - abril / maio de 2018 - The Vienna Workshop Gallery - Viena - Áustria

Slow Art Week Brazil - abril de 2018 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

Brazilian Art Exhibition Rome - 2018 - março de 2018 - Arte Borgo Gallery - Roma - Itália

Exposição “He For She - Eles Por Elas” - março de 2018 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

5a Arte No Fórum - Espaço Cultural do Fórum OAB Jabaquara - fevereiro a maio de 2018- São Paulo, SP, Brasil

Pocket Exhibition “São Paulo: Cidade Diva no Divã” - janeiro de 2018 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

Contemporary Art Fair - 2017 - novembro / dezembro de 2017 - Antiques & Design Mall Miami, Miami, Flórida, Estados Unidos

Pocket Exhibition “Rio Diva” - dezembro de 2017 - Revista A Mais Influente - Copacabana, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Exposição “WALL - Muros Emocionais E Sociais” - novembro de 2017 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

Exposição “Valorizando a Arte” - novembro de 2017 - Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo - São Paulo, SP, Brasil

Exposição de Artes Luxus - outubro de 2017 - Sala São Paulo - Secretaria da Cultura do Estado - São Paulo, SP, Brasil

Exposição Tributo A Gustav Klimt - Setembro de 2017 - The Vienna Workshop Gallery - Viena, Áustria

Anuário de Artes - setembro de 2017 - Luxus Magazine - São Paulo, SP, Brasil

Art Circuit Of Europa - setembro de 2017 - The Vienna Workshop Gallery - Viena, Áustria

Exposição "Asas Na Arte" - setembro de 2017 - Galeria HVFArtes - Mansão Hasbaya - São Paulo, SP, Brasil

4a Arte No Fórum - Espaço Cultural do Fórum OAB Jabaquara - agosto de 2017- São Paulo, SP, Brasil

Exposição "Mil Tsurus" - agosto de 2017 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

Art Exhibition Miami - julho de 2017 - Antiques & Design Mall Miami, Miami, Flórida, Estados Unidos

"Arte Brasileira Na Contemporaneidade" - Volume II - produção de Carmen Pousada - livro que apresenta os trabalhos de artistas criteriosamente selecionados, considerados expoentes da arte contemporânea - julho de 2017, São Paulo, SP, Brasil

Exposição "Diversidades" - julho de 2017, Inn Gallery, São Paulo, SP, Brasil

Exposição "Arte Sem Fronteiras" - julho de 2017, Rodyner Gallery, Palácio Casa da Guia - Cascais - Portugal

Exposição "O Amor Inspira" - junho de 2017, Inn Gallery, São Paulo, SP, Brasil

Exposição "Zeichen der Zukunft" ("Sinais do Futuro" - "Signs of the Future") - junho de 2017, Triesen - Liechtenstein

Exposição "Estrella Guia" - maio e junho de 2017, Espai Marc Llimos, Barcelona, Espanha

Exposição "Inserções & Conexões" - maio de 2017, Inn Gallery, São Paulo, SP, Brasil

Exposição "IN ART FAIR" - maio de 2017, Porto, Portugal

Exposição "SEREIArte" - maio de 2017 - Galeria HVFArtes - São Paulo, SP, Brasil

Exposição Alpha Square Mall Arts - abril a junho de 2017 - Galeria Angela OliveirArte, Alphaville, Barueri, SP, Brasil

Exposição Transmutarte - março de 2017 - Galeria Angela OliveirArte, Alphaville, Barueri, SP, Brasil

Exposição “Mulheres Na Arte” - Galeria Glen Arte - março de 2017 - Alphaville - Barueri, SP, Brasil

Art Fair Tokyo - março de 2017 - Tóquio - Japão

Affordable Art Fair - fevereiro de 2017 - Bruxelas - Bélgica

Expo Punta Arte - janeiro de 2017 - Punta del Este - Uruguai

Exposição “Arte Em Tempo Real” - Art Lab Gallery - dezembro de 2016, São Paulo, SP, Brasil

Exposição e Lançamento - Luxus Magazine - 25ª Edição - Dezembro de 2016 - São Paulo, SP, Brasil

Exposição “Afrodites” - Anjos Art Gallery, dezembro de 2016, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Exposição: “A Dinâmica Do Inconsciente” - Art Lab Gallery - dezembro de 2016, São Paulo, SP, Brasil

Art Basel - 2016 - Coleção Afrodites - Antiques & Design Mall Miami, dezembro de 2016, Miami, Flórida, Estados Unidos

Coleção Arquétipos - Art Lab - Hotel Mercure, novembro de 2016, , São Paulo, SP, Brasil

“Le Brésil vu par les Brésiliens” - livro de fotografias fine art - outubro de 2016 - Editora Divine - Paris, França

Exposição e Lançamento - Luxus Magazine - 24ª Edição - Outubro de 2016 - São Paulo, SP, Brasil

Exposição e Lançamento - Luxus Magazine - 22ª Edição - Setembro de 2016 - São Paulo, SP, Brasil

“Diversidade” - livro de fotografias fine art - setembro de 2016 - Editora HVF Artes - São Paulo, SP, Brasil

Exposição “Arquétipos”, setembro de 2016, Mansão Hasbaya, São Paulo, SP, Brasil

Exposição “I Ching”, setembro de 2010, Casa Das Rosas, São Paulo, SP, Brasil

Henrique Vieira Filho

Livros Publicados:

O Microcosmo Sagrado – O Segredo Da Flor de Ouro Para Saúde E Autoconhecimento - ISBN 9788598327099

Manual Oficial do Terapeuta Holístico - Normas Técnicas Setoriais Voluntárias - ISBN 98573743816

Marketing Para Consultórios de Terapia Holísticas - ISBN - 9788598326016

Auto Regulamentação da Terapia Holística - ISBN 9788598356013

Florais de Bach - Uma Visão Mitológica, Etimológica e Arquetípicas - ISBN 9788531508592

Florais de Bach – Fotos E Fatos - ISBN 9788598327075

Florais de Bach - Uma Abordagem Junguiana - ISBN 9788591774135

Tutorial Terapia Holística - ISBN 9788598327013

Fitoterapia Em Cinco Movimentos - ISBN 9788598327105

Holopuntura – A Quintessência Da União de Técnicas - ISBN 9788598327082

Psicoterapia Holística - Um Caminho Para Si Mesmo - ISBN 9788591774104

O Corpo Como Portal Para O Autoconhecimentos - ISBN 9788591774111

Iridologia - Novos Rumos - ISBN 9788591774128

Fotopsicoterapia - A Fotografia Como Instrumento Terapêutico - ISBN 9786500050813

Terapia Holística: Profissão Consolidada - ISBN 9786500200058

Holística - Anais do Congresso - V1 - N1 - ISBN 9786500259193

Holística - Anais do Congresso - V2 - N1 - ISBN 9786500259209

Holística - Anais do Congresso - V3 - N1 - ISBN 9786500751611

"Diversidade" - livro de fotografias fine art - ISBN 9788591774142

"Le Brésil vu par les Brésiliens" - livro de fotografias fine art - ISBN 9782372750141

Arte Brasileira Na Contemporaneidade - Volume II - ISBN 9788556490063

101 Crônicas Serranas - Volume I - ISBN 978-65-00-99029-4

Site principal:

https://henriquevieirafilho.com.br

Currículo Lattes:

http://lattes.cnpq.br/2146716426132854

OrcID:

https://orcid.org/0000-0002-6719-2559